



LAÍS VIECELLI DELA BETTA

**Estratégias e possibilidades de tradução cultural na literatura infantil chilena na década de 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol –Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.<sup>a</sup> Me. Alejandra M. Rojas Covalski

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 25/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Me. Alejandra Rojas Covalski (UFFS)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Digmara Jiménez Agreda (UFPEL)

Prof. Dr. Luciano Melo de Paula (UFFS)

# Estratégias e possibilidades de tradução cultural na literatura infantil chilena da década de 1970<sup>1</sup>

Laís Viecelli Dela Betta<sup>2</sup>

laisviecelli\_delabetta@outlook.com

**Resumo:** Este artigo inclui a tradução de cinco capítulos do livro infantil chileno *Perico Trepa por Chile*, publicado em 1978 por Alicia Morel e Marcela Paz. Como aporte teórico utilizamos os trabalhos de alguns teóricos como Lawrence Venuti, Antoine Bermann e André Lefevere para elucidar algumas questões sobre a tradução cultural; o conceito de *tradução como processo*; estratégias de *domesticação e estrangeirização* e o panorama da literatura infantil chilena e brasileira. Buscamos demonstrar que através de uma estratégia de tradução estrangeirizante ou menos domesticadora é possível enaltecer, difundir e aproximar duas culturas. Nosso objetivo é, também, tornar conhecida a literatura infantil chilena, contribuindo com a difusão da literatura de países hispano-americanos como forma de integração com o Brasil; valorizar este gênero literário, que, por muito tempo, foi considerado de menor valor e estimular a aproximação de crianças e adolescentes a outra cultura.

**Palavras chave:** tradução; literatura infantil; estratégias de tradução.

## Introdução

Este artigo inclui a tradução de cinco capítulos do livro de literatura infantil chilena *Perico trepa por Chile*, escrito pelas consagradas autoras Marcela Paz e Alicia Morel e publicado pela primeira vez em 1978, a edição a qual tivemos acesso foi publicada pela editora SM em 2014. O título em português que escolhemos para esta tradução é: *Aventuras e desventuras de Perico pelo Chile*.

Perico é um jovenzinho bastante simples, vive com o pai, a madrasta e um irmão menor num pequeno rancho situado na Terra do Fogo, extremo sul do Chile. Todos os dias pela manhã ia para a escola com o cavalo de seu pai, Perico gostava bastante de estar com seus colegas e era feliz por poder frequentar uma sala de aula, mesmo com o frio severo e a chuva no inverno naquela região. Sua instrução na escola foi interrompida aos oito anos para que ajudasse o pai com os afazeres do campo, e o menino sente-se muito frustrado, pois imagina que sua vida a partir daquele momento será entediante e que ele nunca mais conseguirá realizar seu sonho de conhecer o seu país, de norte a sul.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Prof<sup>a</sup>. Me. Alejandra Maria Rojas Covalski

<sup>2</sup> Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

Sua aventura pelo Chile começa quando sobe no caminhão em que sua ovelhinha Mirasol seria levada para o porto com outros animais. Ao tentar regressar para sua cidade acaba, sem querer, embarcando na direção contrária. Então, rumo ao norte, Perico fez amizades, ouviu as histórias e explicações de seus guias; descobriu o que eram baías e glaciares, aprendeu sobre a história da mineração, os povoados fantasmas deixados pela crise do salitre e conheceu de perto as modernidades como o cinema e meios de transporte como o táxi e o metrô.

Através deste artigo, e utilizando dois conceitos chave para este trabalho, o de tradução estrangeirizante e tradução domesticadora, que serão explicados ao longo do trabalho, buscamos demonstrar que, por meio de uma tradução estrangeirizante ou menos domesticadora, é possível enaltecer, difundir e aproximar duas culturas e, assim, perceber e valorizar a cultura alheia com suas diferenças e especificidades. Por não possuir uma versão em português, a tradução deste livro tem a intenção de tornar conhecida uma parte da literatura infantil estrangeira, no caso, a chilena, assim como do próprio gênero literário que, por muito tempo, foi considerado como de menor valor, permitindo assim difundir a literatura de países hispânicos como forma de integração com o Brasil. Na pesquisa, percebemos que existe um baixo número de livros de literatura infantil escritos originalmente em espanhol e traduzidos ao português. Por esse motivo, estimular e propiciar a aproximação do público leitor brasileiro, situado na faixa etária entre oito e treze anos, a outra cultura é uma das principais contribuições deste trabalho.

Os capítulos do livro escolhidos para serem traduzidos e analisados neste artigo são: os três primeiros, que apresentam uma introdução ao personagem, à cultura e ao cotidiano rural, e outros dois capítulos que apresentam críticas específicas às questões sociais ligadas à matança ilegal de animais e à condição dos trabalhadores das minas de carvão, tema presente em outras narrativas literárias como veremos mais adiante. A escolha do livro deveu-se principalmente por retratar essas questões do ponto de vista do protagonista, um menino de 8 anos; sendo o eixo principal da narrativa a viagem e as aventuras pelo Chile. Em cada lugar por onde Perico passa um personagem secundário conta um pouco da história, da geografia e das lendas populares. Trata-se de um livro com um personagem orgulhoso e, ao mesmo tempo, curioso de seu país, mas que também vê as limitações dele. Deste modo, os leitores brasileiros, podem, através da leitura, conhecer as singularidades de outro país, perceber a existência de uma cultura, modos de vida e conduta semelhantes em alguns aspectos e diferentes em outros, ampliar sua cultura vivencial potencializando a capacidade de refletir sobre sua maneira de ver o mundo e sua própria cultura e, assim, diminuir o preconceito para com o Outro.

Analisando pelo viés dos estudos da tradução, nosso trabalho tem como principais objetivos: a análise e a tradução comentada para o português brasileiro de uma obra da literatura infantil chilena, aplicando, dentro das possibilidades, os conceitos de *estrangeirização e domesticação* utilizados por alguns tradutores como Lawrence Venuti e Antoine Bermann. Também será parte desta pesquisa observar como se aplica à tradução em questão o conceito de *reescrita*, utilizado por André Lefevere, no qual o processo de tradução é considerado um ato criativo e não apenas de reprodução ou transposição linguística. Embora a prioridade seja por uma tradução estrangeirizante, em alguns momentos será necessário domesticar alguns elementos da narrativa, principalmente quando se trata de elementos da gastronomia, fauna e flora não existentes na cultura meta, neste caso, no Brasil.

Para explicar de que maneira os estudos da tradução podem ser aliados na tentativa de compreender e aceitar a cultura alheia e a diferença, com a intenção de promover o respeito para com outros povos, utilizaremos os conceitos de *estrangeirização e domesticação*, conceitos inicialmente propostos por Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, desenvolvidos e utilizados por diversos teóricos como o estadunidense, anteriormente mencionado, Lawrence Venuti.

Assim, o conceito de *estrangeirização* permite uma abordagem intercultural e pluricultural que consiste em enunciar em uma língua e cultura meta o que foi enunciado em uma língua/cultura estrangeira ou fonte, conservando, dentro do possível, seus traços originais, como equivalências semânticas, sintáticas e, principalmente, culturais. Além disso, pode propiciar uma ruptura da língua padrão ou estandar no produto traduzido ao deixar transparecer alguns vocábulos do texto base e, também, pode ser pensada para dar reconhecimento às chamadas literaturas menores. Neste caso, a opção de trabalhar com o gênero literário infanto-juvenil contribuiu significativamente para a escolha desta estratégia de tradução.

Já a *domesticação* adapta ou substitui a sintaxe, os traços culturais e a linguagem para o contexto de chegada ou da cultura receptora da obra traduzida. Como exemplo poderia citar a substituição de elementos gastronômicos ou da fauna e flora não existentes no contexto do país em que a obra é traduzida (substituição hipotética de *tortillas*, que é um elemento presente no texto base escolhido para a tradução que compõe o corpus de análise deste artigo, por pão, por exemplo).

O suporte teórico que ampara este trabalho está nos estudos realizados por diversos autores que, embora tenham pequenas divergências entre si, possuem uma mesma base epistemológica para o desenvolvimento de um novo paradigma nos Estudos de Tradução. Entre

esses autores contamos com Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, Laurence Venuti, Antoine Berman e André Lefevere.

O segundo capítulo deste artigo visa explicar a *tradução como processo*, baseado no conceito de *reescrita*, desenvolvido pelo autor André Lefevere (1990). Esse conceito implica em um ato de reescrita focada não no produto final, mas no processo que torna necessário observar/aplicar estratégias orientadas por uma ideologia que é parte da visão de mundo do tradutor e, em última instância o resultado da reescritura de um texto considerado original. Portanto, a escolha dessas estratégias tem influência direta nas traduções. Importa o percurso seguido e como o tradutor justifica e resolve as demandas que surgem ao longo do trabalho de tradução ou reescrita.

No capítulo seguinte, trazemos a importância da tradução cultural que foi um elemento relevante para os estudos de tradução a partir da década de 70. Na domesticação de um texto, em termos de tradução, se apagam grande parte dos traços culturais da cultura fonte ou de origem. Ao traduzir a partir do conceito de estrangeirização estamos aproximando o leitor à outra cultura, outros modos de ver o mundo, propiciando, dessa maneira, o respeito à diferença e a aceitação de outras culturas. A escolha de um conceito ou outro depende, além da ideologia do tradutor, das relações de poder que se configuram no sistema literário, entendendo-se por sistema literário as editoras, academia, a crítica literária e a elite que manipula, de acordo com seus interesses, a difusão de determinada literatura a serviço de determinadas pautas ideológicas e de poder.

O quarto capítulo destina-se a elucidar os conceitos chave para nossa tradução, o de *domesticação* e de *estrangeirização*. A domesticação permite que o leitor-receptor se identifique com o texto traduzido, sem perceber que se trata de uma obra estrangeira, pois as referências da cultura fonte são substituídas por referências conhecidas e familiares da cultura meta. Ao contrário, a tradução estrangeirizante permite que o leitor se depare com elementos que não lhe são familiares e, portanto, percebe com clareza que está frente a outra cultura, a outros valores, o que lhe permite (re)conhecer o Outro, criando, assim, diálogos necessários para entender, aceitar e respeitar o diferente.

Na penúltima parte deste artigo, há um capítulo maior destinado a detalhar o panorama da literatura infantil chilena e brasileira na década de 1970 e os problemas relacionados à tradução desse tipo de literatura. Incluindo os entraves relacionados à restrição de conteúdo pelas editoras e à condição do público leitor da tradução que pode ou não estar habituado com certo tipo de linguagem ou estar ou não acostumado a ler. E por fim, temos a análise da tradução

do livro *Perico trepa por Chile*, os comentários acerca da estratégia de tradução utilizada, assim como os recursos linguísticos escolhidos para atingir os objetivos propostos.

## 2 A tradução como processo

Na década de 1990 houve uma mudança de perspectiva em relação à tradução: o foco dos estudos tradutórios passou a ser o processo e não o produto final. Essa mudança foi ocasionada pela necessidade de incluir outras áreas do conhecimento como a sociologia, os estudos literários e a antropologia. Era necessário refletir sobre todos os aspectos da experiência tradutória já que “A tradução não envolve apenas o domínio de línguas, mas também processos mentais altamente complexos, além da utilização de procedimentos e estratégias por parte dos tradutores para solucionar problemas” (DINIZ, 2014, p.28). Porém, é importante lembrar que, além da complexidade dos processos mentais e das estratégias envolvidas no processo tradutório, a questão cultural é tão importante quanto o domínio do sistema linguístico da cultura receptora.

Desse modo, a tradução vista como processo traz à tona questões sobre o papel do tradutor, a tentativa de entender e justificar as estratégias utilizadas por ele e o motivo dessas escolhas tradutórias, que, na tradução, deixarão rastros significativos sobre sua ideologia, sua interpretação do mundo e da cultura, na cultura de chegada. Também são considerados os fatores cognitivos que implicam na tradução, além de questões sobre a equivalência e adaptação textual, contudo, não devemos pensar no texto apenas como signo linguístico, mas sim, pensar os elementos extralinguísticos na mesma proporção e significância.

A tradução é considerada um processo por que percorre um caminho no qual cada etapa requer que sejam tomadas decisões que terão um impacto determinado no produto final e na recepção desse produto final. As escolhas feitas são particulares e dizem respeito a cada tradutor e podem ser de ordem teórica, cultural, social, política e/ou ideológica. E isso implica em destamar um texto de um determinado tecido sociocultural para implantá-lo em outro, às vezes, muito diferente.

Como exemplo das consequências de assumir determinada estratégia tradutória, no processo da tradução vemos a questão da *invisibilidade do tradutor* exemplificada claramente no livro de mesmo nome do autor Lawrence Venuti. Quando uma obra é traduzida seguindo padrões de domesticação, ao apagar os traços linguísticos e culturais, o tradutor acaba também por apagar-se, pois deixa no leitor a sensação de que a obra foi escrita e pensada na língua meta, impedindo ou minimizando, dessa forma, o contato com outras culturas, com outras formas de

pensar, de sentir e de fazer. Ao manipular a língua de tal forma que se permita deixar a sintaxe e a escolha lexical mais próxima com a da língua meta, para garantir que o leitor não se depare com elementos estranhos e garantir a fluidez na leitura, também é um caminho para tornar-se invisível como tradutor. Essa invisibilidade acaba por apagar outro papel importante de um tradutor: o de mediador de culturas. Dependendo da escolha das estratégias de tradução, no caso específico de uma tradução etnocêntrica e domesticadora, como descreve Venuti (2002), é possível manipular e apagar valores da cultura fonte para ressaltar valores da cultura meta, muitas vezes em clara contradição, criando, assim, estereótipos:

Os padrões tradutórios que venham a ser razoavelmente estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas. Ao criar estereótipos, a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo (VENUTI, 2002, p.130).

No caso da tradução de *Perico trepa por Chile* a intenção, também, é sublinhar alguns aspectos de cunho social que talvez não façam parte das reflexões do receptor brasileiro contemporâneo. Pois, instigar a reflexão sobre temas de interesse das grandes corporações, agressoras do meio ambiente, como a matança de lobos marinhos em grande escala, contribui para a conscientização e fiscalização de determinados órgãos, o que poderia violar interesses econômicos da cultura doméstica. Assim, propomos essa reflexão como um elemento relevante para a cultura meta, no caso, o leitor brasileiro, e ao mantermos as formas do diminutivo em algumas palavras enfatiza a carga dramática do momento, evitando a banalização do fato, chamando a atenção não só para questões ambientais, mas para a conduta antiética de grupos econômicos que se beneficiam com essas práticas.

<p>[...] Y perico lo siguió. A poco andar encontraron un lobo descuerado e, no lejos, otro. Eran tan pequeños como Mirasol. Sin ser vistos por el asesino, observaron que muchos animales se lanzaban al agua huyendo, pero el Cara de Ratón les tiraba un arpón atado a una cuerda y con buena puntería. Vieron un lobo chiquito escondido en una poza del roquerío. Un reguero de sangre les daba la pista. Las hembras bravas también habían sido sacrificadas (MOREL; PAZ, 2014, p. 91).</p>	<p>[...] E Perico o seguiu. Pouco depois encontraram um lobo sem o couro e, não muito longe, outro. Eram tão pequenos como Mirasol. Sem serem vistos pelo assassino, observaram que muitos animais se lançavam na água fugindo, mas o Cara de Rato atirava, com boa pontaria, um arpão amarrado à uma corda. Viram um lobo pequeninho escondido em uma poça no rochedo. Um rastro de sangue lhes dava a pista. As fêmeas bravas também tinham sido sacrificadas.</p>
--	--

**Quadro 1:** Uma reflexão sobre a matança ilegal de animais. Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

Traduzir um texto de maneira a permitir o confronto do leitor com aspectos culturais com os quais ele não está acostumado, força-o a refletir sobre esses aspectos e sobre sua própria

cultura, desafiando assim, também, os cânones impostos a ele pela autoridade da elite acadêmica: “Isso sugere que os projetos tradutórios podem produzir uma mudança na representação doméstica de uma cultura estrangeira [...]” (VENUTI, 2002, p.141), ou seja, a partir do momento em que o leitor reflete e aceita o Outro ele pode mudar as próprias concepções de cultura e influenciar na aceitação daquela cultura.

Instituições reforçam ou tentam reforçar a poética dominante de um período, usando-a como régua com a qual a produção corrente é medida. Desta forma, certas obras literárias serão elevadas ao nível de “clássicos” num espaço curto de tempo depois de sua publicação, enquanto outras serão rejeitadas [...] (LEFEVERE, 2011, p.40).

Dentro da visão de tradução como processo, o autor André Lefevere (2011) propõe seu conceito de *reescrita*, ou seja, toda tradução é uma reescrita de um texto base, ou chamado de “original”. Para ele, todo ato de reescrita reflete uma determinada ideologia e uma poética, portanto esta manipulação tem o objetivo de inserir o texto numa determinada sociedade. Reescrita, portanto, é uma manipulação a serviço do poder e funciona para fortalecer ou enfraquecer poderes instituídos.

A tradução é, certamente, uma reescritura de um texto original. Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada. Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. Reescrituras podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos artifícios e a história da tradução e também a da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra (LEFEVERE, 2011, p.11-12).

Portanto, esse conceito elaborado por Lefevere surge a partir da negação da existência do “original” como contrapartida e vem à tona a partir dos anos oitenta, no momento em que a ideia de que o texto é estável foi questionada até desaparecer. Se não há estabilidade numa obra dita “original”, não há como recuperar essa estabilidade na tradução. Não é possível haver uma total fidelidade à obra que se está traduzindo, pois não há como recuperar o sentido original do texto e as motivações do autor. Desse modo, não poderíamos mais considerar que a primeira é melhor ou está numa posição hierarquicamente acima de sua tradução. A noção de inferioridade das traduções implica que traduzir sempre é “perder”, entretanto, as motivações e os efeitos das traduções se modificam de acordo com o tempo histórico-cultural da escrita original e o momento atual da tradução (WAISMAN, 2005).

Assim, alguns autores preferiram não usar o termo “texto original” “[...] em favor de uma noção aberta de ‘textualidade’, em que autores-tradutores-adaptadores produzem textos



que são apenas textos, com graus variáveis de autonomia e distinção em relação a outros textos” (BRITTO, 2012, p.22). Seguindo esta linha de pensamento, na qual o texto resultante é também uma obra “original”, neste trabalho optamos por utilizar o termo “texto base” para referir-nos à obra que traduzimos, e texto meta para referir-nos ao sistema literário no qual a obra estrangeira será implantada, levando em consideração todas as questões culturais inerentes à obra.

### **3 Tradução cultural**

Conforme Stuart Hall (1997), no texto *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*, o conjunto de valores morais e éticos de uma sociedade, juntamente com a língua, literatura, artes, tradições e costumes configuram a cultura de um povo. Essa cultura ocupa um papel especial na organização da sociedade e pode influenciar outros povos com culturas tanto similares quanto diferentes.

Dessa forma, a “revolução cultural” do século XX trouxe agilidade na comunicação com a vinda da internet que, aliada às outras mídias, como o rádio e a televisão são importantes meios de propagação de culturas. Mas, ao mesmo tempo em que propiciam uma aproximação entre elas, tendem, também a colaborar para que esses aspectos heterogêneos e particulares de cada uma delas se neutralizem e se silenciem, priorizando a adoção de padrões estandardizados e ocidentalizados de rotinas, costumes e valores, transmitidos pelas grandes mídias.

Peter Burke em seu livro *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna* (2009, p.14-15), organizado por Ronnie Po-chia Hsia explica historicamente a tradução cultural, vejamos:

A expressão ‘tradução cultural’ foi originalmente cunhada por antropólogos do círculo de Edward Evan-Pritchard, para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro [...] Ela também pode ser usada para designar imagens visuais e a vida cotidiana.

Assim, por meio de uma tradução, é possível deparar-se com aspectos de uma cultura alheia e trabalhar com a alteridade, confrontar o “eu” e o “Outro” de forma a entender e aceitar a diferença. Neste trabalho utilizamos o conceito de tradução estrangeirizante que consiste em levar o leitor até a cultura fonte ou cultura estrangeira onde se insere o texto que será traduzido, fazendo com que perceba o que há de diferente e peculiar nessa cultura de partida, dentro da sociedade e do contexto em que foi escrito e que pode colaborar para o aprimoramento de sua própria visão de mundo.

No artigo *Traducción y cultura: reflexiones sobre la dimensión cultural de textos y su importancia para la traducción* de Angélica Hennecke (2015), vemos que depois da década de 1970, a cultura passou ser considerada como um dos temas centrais para os estudos da tradução. Na Alemanha surgiram questões que orientaram mudanças nesta área, uma delas foi a concepção de texto como parte do mundo, da cultura e não apenas como uma categoria de representação da língua. A autora explica a necessidade de que se delimite um conceito de texto e de cultura para que seja o ponto de partida de uma tradução, pois os conceitos que existiam eram, muitas vezes, vagos. As traduções são orientadas segundo ideologias do que pode ou não entrar em uma cultura através dessas ideologias.

O antropólogo Clifford Geertz (1983, p.4) conceitua a cultura em uma vertente semiótica, isto é: “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu [...]”, portanto, trata-se de uma noção semiótica de cultura, como uma ciência interpretativa, não apenas composta por significados linguísticos, como não linguísticos. Hennecke também faz uma reflexão que nos ajudará a entender a dimensão e interferência da cultura no ato tradutório:

[...] tanto a língua, como o texto e a cultura são sistemas de signos, para cujo entendimento é necessário o conhecimento de códigos determinados e culturalmente convencionalizados [...] a cultura, além disso, não se concebe como um sistema acabado e estático, mas sim como um sistema dinâmico e variável (HENNECKE, 2015, p. 110, tradução nossa).<sup>3</sup>

Assim: texto, cultura e língua estão interligados por esses códigos convencionados e compartilhados pelos indivíduos daquela cultura e, por isso, pode-se dizer que toda tradução é cultural, pois implica na utilização desses signos convencionados. Há, porém, receptores que não conseguem decodificar esses códigos, pois não compartilham dos significados relativos à língua e à cultura em que foram produzidos e podem ter dificuldade para interpretá-los.

No livro que traduzimos, o leitor poderá deparar-se com aspectos culturais do interior do sul do Chile tais como, a maneira em que tratavam as relações familiares e como a cultura estrangeira era administrada. Aspectos estes que são diferentes, na atualidade do contexto brasileiro, principalmente se compararmos a região Sul do nosso país. No fragmento que segue, há um exemplo que se assemelha à situação vivida no interior do Brasil, no seio de famílias

---

<sup>3</sup> [...] tanto la lengua, como el texto y la cultura son sistemas de signos, para cuyo entendimiento se necesita el conocimiento de códigos determinados y culturalmente convencionalizados [...] la cultura, además, no se concibe como un sistema acabado y estático, sino como un sistema dinámico y variable (HENNECKE, 2015, p. 110).

humildes, na mesma década. Isto é, o abandono dos estudos para ajudar na renda familiar trabalhando no pequeno terreno próprio ou em terras maiores, muitas delas alugadas.

<p>En sus pequeñas tierras de lomas suaves, el padre de Perico criaba ovejas finas, que él mismo pastoreaba. Le había dicho a Perico que el día que pudiera contar hasta cincuenta, tendría que hacerse cargo del rebaño. Pero Perico prefería continuar yendo a la escuela, aunque para llegar a ella tenía que salir a veces con dura lluvia y el viento helado que lo traspasaba más que la nieve (MOREL; PAZ, 2014, p. 8).</p>	<p>Em seu pequeno rancho de suaves colinas, o pai de Perico criava ovelhas de raça que ele mesmo pastoreava. Falou para Perico que no dia em que aprendesse a contar até cinquenta, deveria tomar conta do rebanho. Mas Perico preferia continuar indo para a escola, ainda que para chegar tivesse que ir com violenta chuva e com o vento gelado que o açoitava mais que a neve.</p>
--	--

**Quadro 2:** A questão do abandono escolar em contexto rural. Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

Ao trazer essa reflexão à tona, a criança, que muitas vezes não percebe a existência de outros modos de vida, ou tem uma visão distorcida da realidade, uma distorção amplificada pelo consumismo exposto e estimulado através da TV, sobre assuntos como a pobreza e a desigualdade passa a perceber a existência de realidades diferentes à sua. Mesmo que no Brasil e no Chile ainda hajam casos como esse, em que crianças são levadas a abandonar a escola para ajudar com o serviço de casa, o ensino básico é obrigatório dos 04 até os 17 anos, Portanto, se pensarmos na década de 1970, no Brasil, ainda não havia sido criado o órgão responsável pelo zelo dos direitos das crianças e adolescentes, o Conselho Tutelar, instituído em 1990 e, no Chile, mesmo que houvesse um órgão responsável por verificar as condições das escolas e dos estudantes, aparentemente, era fácil desvencilhar-se da Lei para obrigar os filhos a deixarem os estudos e trabalharem ou no campo, ou em condições impensáveis para uma criança como as minas de carvão. Em 1979 foi criado o SENAME (Serviço Nacional de Menores) que desempenha as mesmas funções do Conselho Tutelar brasileiro.

Além dessas questões culturais, que propiciam uma reflexão para o leitor, que pode ou não estar familiarizado com a realidade descrita, a autora também cita os dois tipos de referências culturais exemplificadas por Gercken: (1999, p. 113 apud HENNECKE, 2015, p. 115)<sup>4</sup> as *referências culturais explícitas*, percebidas através do léxico ou de expressões culturalmente conhecidas e que podem ser substituídas por equivalentes ou semelhantes na língua alvo e as *referências culturais implícitas*, que somente são recuperadas através da bagagem cultural do leitor e através da habilidade do tradutor para identificar/reconhecer o contexto cultural, histórico, social e geográfico no qual está inserida determinada referência que não aparece de forma explícita.

<sup>4</sup> GERCKEN, J. (1999). **Kultur, Sprache und Text als Aspekte von Original und Übersetzung**. Francfort etc.: Peter Lang.

No caso desta tradução, algumas referências culturais explícitas para os leitores chilenos não são compreendidas pelos leitores brasileiros. Deparamo-nos com a questão dos elementos geográficos, da fauna e flora específicos do Chile, tais como: espécies de animais endêmicos, cidades e acidentes geográficos. Como o gênero é voltado ao público infantil, não poderíamos recorrer à notas de rodapé muito extensas, pois a faixa etária do público alvo, crianças brasileiras entre 9 e 13 anos, não acostumadas a ler - diferentemente de outras crianças na mesma idade em outros países - teriam dificuldades em seguir o fluxo da leitura, por isso, optamos por definições em forma de aposto ou notas de rodapé mais simples e descritivas. O exemplo abaixo demonstra um caso em que foi necessário descrever uma espécie de animal endêmica, na nota tentamos explicar o máximo possível das características do animal para que o leitor pudesse criar um referente imagético mais próximo da realidade.

Lo despertó un extraño cosquilleo. Algo corrió sobre su cuerpo y llegó a rasguñarle su nariz. Perico dio un salto justo a tiempo para ver desaparecer un cururo en su pequeña cueva (MOREL; PAZ, 2014, p. 13).	Uma estranha cócega o acordou. Algo correu pelo seu corpo e chegou a arranhar seu nariz. Perico deu um pulo justo a tempo de ver desaparecer um pequeno cururo <sup>5</sup> em sua pequena cova.
--	--

**Quadro 3:** Inserção de notas de rodapé. Fonte: elaborado pelo autor, 2018

#### 4 Domesticar e estrangeirizar

Como mencionado na introdução, consideramos as reflexões dos autores Antoine Berman e Lawrence Venuti para explicar as estratégias de tradução aplicadas em nossa tradução. Antoine Berman, em *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* (2013), propõe-se a fazer uma análise da tradução de forma a desconstruir o pensamento de tradução Ocidental como etnocêntrica e hipertextual. “Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura” (BERMAN, 2013, p.39), muito próximo do conceito de domesticação proposto por Venuti, que aproxima a obra à cultura e ao meio para o qual ela é traduzida e, portanto, ao leitor/receptor. Para uma tradução etnocêntrica, é necessário a captação do sentido e, para isso, apagar todos os traços que nublem ou prejudiquem o sentido “verdadeiro” quando o texto é traduzido.

Como afirma Berman (2013, p.45): “Trata-se de introduzir o sentido estrangeiro de tal maneira que seja aclimatado, que a obra estrangeira apareça como um “fruto” da língua

<sup>5</sup> Cururo: é uma espécie de roedor endêmica do Chile de “corpo cilíndrico, orelhas pequenas, olhos pequenos e uma cauda curta. Suas mãos têm grandes garras. Tem incisivos poderosos. Sua pele é curta e preta” Disponível em <https://www.ruta-patagonia.com/Guia-de-Fauna-Detalle.php?N=Cururo>. O animal pode ser comparado a anatomicamente com um castor com a cauda fina ou uma capivara pequena.

própria”, ou seja, tornar a tradução mais parecida com o produto da língua e da cultura de chegada, omitindo os sinais da língua e cultura específicos do texto fonte. Dessa forma, Berman aproxima-se de Venuti, pois a domesticação implica uma fluidez na leitura, adaptando o léxico e a sintaxe à cultura meta, mobilizando o autor até o leitor, como disse Schleirmacher (2010, p.57): “Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro”.

O conceito de estrangeirização opõe-se ao conceito de domesticação, que, entre outras diferenças, manifesta uma preocupação em relação ao papel do tradutor. A relevância do conceito de estrangeirização nos estudos da tradução é que torna significativo o papel do tradutor no processo de reconhecimento da cultura estrangeira por parte do leitor, deixando que os traços da cultura de partida se destaquem na obra traduzida, como forma de enriquecimento literário e cultural. Ao contrário, no processo de domesticação há um apagamento da cultura estrangeira tornando-a muito próxima e familiar da cultura de chegada e, conseqüentemente, não há uma repercussão dos elementos que tornam uma cultura única, com características próprias. Dessa forma, a obra parece escrita e pensada na língua meta o que contribui para a desvalorização e desconhecimento da cultura e dos valores estrangeiros e também do próprio tradutor, que, ao apagar os traços linguísticos e culturais mais significativos acaba por tornar-se invisível aos olhos do leitor.

Uma escolha bastante marcante de nossa tradução é a adaptação das formas de tratamento utilizadas pelos personagens. No livro, Perico e seu pai utilizam as formas verbais da segunda pessoa do singular (tu) para referirem-se um ao outro e, na versão traduzida, optamos pelo regionalismo gaúcho ao utilizar o pronome da segunda pessoa do singular (tu) com a conjugação verbal da terceira pessoa do singular, configurando uma domesticação para a forma utilizada na região sul do Brasil. Entretanto, esta escolha, mesmo que domesticadora, também poderá causar estranhamento no leitor por não estar adequada à norma padrão da língua portuguesa. Além dessa modificação, foram substituídos alguns verbos conjugados no futuro simples por locuções verbais formadas por *ir (conjugado em terceira pessoa do singular) + verbo principal no infinitivo*. Veja o exemplo abaixo:

<p>-Perico, desde mañana cuidarás mis ovejas. Empieza el buen tiempo y es hora de que me ayudes. -Pero papá, usted tiene cincuenta ovejas. Yo solo sé contar hasta treinta...</p>	<p>-Perico, a partir de amanhã tu <u>vai cuidar</u> das minhas ovelhas. O tempo está bom e é hora de que me ajudes. -Mas papai, você tem cinquenta ovelhas. Eu só sei contar até trinta...</p>
---	--

-Contarás hasta treinta y luego veinte más. Así sabrás que están ahí mis cincuenta borregas (MOREL; PAZ, 2014, p. 9).	-Tu <u>vai contar</u> as trinta e depois mais vinte. Assim <u>vai saber</u> que estão aí minhas cinquenta ovelhinhas. (grifo nosso)
---	---

**Quadro 4:** Modificação da desinência verbal e acréscimo de locuções verbais. Fonte: elaborada pelo autor, 2018.

O estranhamento é um dos elementos que nos faz deter o olhar nesse item que escapa do cotidiano e se define como o confronto de valores culturais ou linguísticos, decorrentes da não identificação dos signos convencionados compartilhados na cultura de origem, com os quais o leitor pode-se deparar ao ler uma obra traduzida. Esse estranhamento implica uma reflexão acerca do que é relativo ao Outro, sobre si mesmo e sobre as diversas possibilidades de perceber o mundo. Como exemplo das situações presentes na obra chilena que causam estranhamento podemos lembrar o que já foi mencionado: a questão do abandono escolar para ajudar a família nos serviços do campo; a matança ilegal de animais; a não concordância entre pronome e desinência verbal e a manutenção de vocábulos culinários e da fauna.

A manutenção dos vocábulos da culinária também é uma escolha estrangeirizante visando deixar transparecer a cultura do povo chileno e latino-americano. Tentamos manter, nas opções de tradução, uma linguagem o mais próxima possível daquela utilizada por Marcela Paz e Alicia Morel para que o ar campesino não se perdesse, afinal, é a marca principal do texto.

La cocinilla estaba encendida y el cuarto olía a café y pan tostado. Su padre removía unas tortillas sobre las brasas y la leche subía en la olla. El desayuno tenía un sabor especial; así, compartido entre él y su papá (MOREL; PAZ, 2014, p. 12).	O pequeno fogareiro estava aceso e o quarto cheirava a café e pão tostado. Seu pai revirava umas <i>tortillas</i> <sup>6</sup> sobre as brasas enquanto o leite fervia na panela. O café da manhã tinha um sabor especial; assim, compartilhado entre ele e seu pai.
---	--

**Quadro 5:** O uso de notas de rodapé para esclarecer vocábulos da gastronomia. Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

Considerando o gênero literário escolhido, nem tudo pôde ser mantido sob a perspectiva da tradução estrangeirizante. *Perico trepa por Chile* foi escrito há 40 anos, e mesmo se nos propuséssemos apenas a reescrevê-lo em espanhol, haveriam mudanças lexicais, já que a língua não é estática e está constantemente sofrendo mudanças. Por isso foi necessário pensar na escolha lexical de modo que não se afastasse completamente daquela utilizada pelas pessoas do contexto sociocultural do texto fonte e que também não fosse difícil para o público alvo brasileiro.

<sup>6</sup> *Tortillas*: uma espécie de pão feito à base de farinha, sal e água cozinhada direto no meio das brasas.

## 5 Literatura infanto-juvenil: um panorama histórico

Depois da Revolução Industrial, a preocupação com o futuro e a educação das crianças tornou-se mais acentuada e então surgiram os livros infanto-juvenis voltados a essa necessidade, com conteúdos moralistas e educativos. No Brasil, o ensino era regulado por tutores estrangeiros que ensinavam as crianças das famílias que podiam pagar por estes serviços e, portanto, a escolha da literatura dava-se nas línguas desses tutores. Com a instalação da Imprensa Régia, em 1808, a publicação de livros de autores brasileiros ganhou impulso, porém é somente no final da segunda metade do século XIX que as prateleiras de obras voltadas ao público infantil foram se enchendo. Inicialmente graças às traduções de Carlos Jansen, que traduziu e adaptou obras como *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Viagens de Gulliver* (1888) e *Dom Quixote de La Mancha* (1901), e Figueiredo Pimentel que deu vida às primeiras edições brasileiras dos contos de Grimm, Perrault e Andersen (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011).

Daí em diante houve uma preocupação em criar uma literatura nacional infantil, ambientada em nosso território e com temáticas patrióticas, familiares, sobre o trabalho e o respeito. Em 1920 surge então o maior expoente da literatura infantil, Monteiro Lobato, com *Narizinho Arrebitado* e o começo de várias histórias fantásticas, com personagens folclóricos como o Saci e a Cuca e dos clássicos europeus, como Peter Pan e Dom Quixote. Lobato tornou-se popular pelo Sítio do Pica Pau Amarelo e, mesmo nos dias atuais, a maior parte das crianças sabe quem são Emília, Narizinho, Pedrinho, Dona Benta e Tia Nastácia. Até a metade do século, as narrativas da literatura infantil tinham como cenário principal as paisagens rurais (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011), mas a partir de então o espaço urbano com suas mazelas foi se tornando mais frequente nas páginas do gênero, inclusive com várias críticas à respeito.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2011, p.153), na segunda metade do século XX outra “Marca bastante típica dos livros infantis [...] é a incorporação da oralidade”. Além de postular uma carga maior de verossimilhança, “Essa oralização do discurso nos textos para as crianças torna-se bastante coerente com o projeto de trazer para as histórias o heterogêneo universo de crianças marginalizadas, de pobres, de índios” (idem). A fala dos personagens traz consigo a cultura e os debates ligados a ela, como já mencionado anteriormente e que será explanado de forma mais ampla na seção da análise dos capítulos traduzidos, em nossa tradução também optamos por aproximar a fala dos personagens com a realidade encontrada na região sul do Brasil.

A respeito da literatura infantil chilena, utilizamos como base o livro de Manuel Peña Muñoz (1982), *Historia de la literatura infantil chilena* para um panorama geral. No Chile, a

produção para crianças também apareceu somente depois da segunda metade do século XIX e igualmente iniciou com temas educativos, os silabários precederam a literatura em si entre 1821 e 1845.

Um fenômeno entre os pequenos foram os jornais infantis, entre eles destacam-se *El Recreo* que entrou em circulação em 1891 e depois dos jornais, já no século XX, vieram as revistas infantis, a mais famosa *El Peneca* publicada entre 1908 e 1960. Os jornais vinham com pequenos contos, adivinhas, lições de gramática, algo sobre língua estrangeira, ilustrações, lições de bordado para meninas e manufatura de brinquedos para os meninos. O interesse pelo folclore também ganhou espaço nas páginas no início do século XX.

Peña Muñoz (1982, p.89, tradução nossa) resume o cenário da literatura infantil na América Latina da seguinte maneira: “[...] há uma pobreza de literatura infantil, tanto na qualidade da impressão dos textos como na existência de autores de qualidade para a criança, abundando, por desgraça, a literatura escolar”.<sup>7</sup> Foi uma época em que as publicações para crianças eram, em sua maioria, livros com qualidade inferior de papel e ilustrações, sem muitas cores; traduções mal feitas e a literatura escolar (livros com textos pobres e geralmente voltados ao ensino de gramática) era a única que dava lucro às editoras. Duas exceções são as autoras Alicia Morel e Marcela Paz (das quais falaremos mais em uma seção exclusiva) que constam na lista das mais importantes escritoras de literatura infantil do Chile. A primeira foi eleita a presidente do International Board on Books for Young People (IBBY) no Chile e a segunda consagrou-se por sua série *Papelucho* ganhando o prêmio Nacional de Literatura em 1982.

## 5.1 Tradução de literatura infanto-juvenil

A tradução de literaturas consideradas menores é uma das bases do trabalho do teórico americano Lawrence Venuti, seja a tradução de obras escritas em línguas consideradas menores ou dialetos não-padrões ou mesmo literaturas que possuem um menor valor dentro do cânone literário (há uma hierarquia dentro dos gêneros textuais, os poemas e romances estão no topo, lendas folclóricas e contos infantis, na base). Neste trabalho, a escolha foi por abordar uma literatura que muitas vezes foi alvo de preconceitos: a literatura infanto-juvenil (doravante LIJ).

O trabalho pela valorização dessa literatura é árduo, pois, muitas vezes, o valor literário desses textos não é compreendido e precisa competir com o espaço da televisão, cinema e a

---

<sup>7</sup> “[...] hay una pobreza de literatura infantil, tanto en la calidad de la impresión de los textos como en la existencia de autores de calidad para el niño, abundando, por desgracia, la literatura escolar” (PEÑA MUÑOZ, 1982, p.89).



internet. A maioria dos pais não sabem em escolher livros que estejam de acordo com as capacidades intelectuais de seus filhos, observando o valor das ilustrações e do próprio texto e os aspectos culturais que estão presentes neles também são deixados de lado. A escolha de uma literatura adequada, geralmente é feita pelos professores e pelas próprias editoras. Não bastasse isso, o tradutor de LIJ também é considerado inferior, enquanto as editoras possuem um grupo específico e “renomado” de tradutores para outros gêneros, não é raro que os tradutores de LIJ recebam honorários inferiores devido à desvalorização deste gênero literário (AZENHA JUNIOR, 2015).

No livro de Lúcia Cademartori, *O que é literatura infantil?* (2010), a autora aborda a questão da dependência da criança em relação ao adulto quando o tema são livros:

É escrito para a criança e para ser lido por ela. Porém, é escrito, empresariado, divulgado e comprado pelo adulto. [...] caracterizando um jogo de forças no qual a criança é dependente, marcada que é, física, intelectual, afetiva e financeiramente pela dependência (p. 22).

A criança necessita de padrões (criados pelos adultos) para que consiga interpretar e construir seu próprio mundo. Esse processo “[...] é o que se chama de educação: apreensão de padrões que modificam o comportamento” (CADEMARTORI, 2010 p.23). A literatura oferece um meio de desconstruir a relação de dependência com o adulto e permitir que ela mesma interprete os conceitos e padrões recortados do mundo real, para que façam sentido e que lhe sejam convertidos em conhecimento capaz de fazê-la pensar sobre o mundo à sua volta, dando significado àquilo que ela não entendia. Alicia Morel opina sobre a importância dos contos para crianças:

“Os contos são vitais para o desenvolvimento da criança. Os ensina a voar mais alto do que o seu cotidiano, a gostar do belo. Os ajuda a contemplar paisagens invisíveis, a seguir diálogos e a compreender o que acontece dentro de seres distintos a ele, a distinguir o fantástico do real” (PEÑA MUÑOZ, 1982, p. 59, tradução nossa).<sup>8</sup>

Traduzir para crianças é uma tarefa que exige que o autor faça escolhas mais incisivas sobre domesticar, adaptar, ou permitir a reflexão do outro, principalmente quando tratamos de elementos culturais. Segundo Azenha Júnior (2015, p.216): “[...] a experiência de traduzir LIJ evidencia a necessidade de se dominarem recursos linguísticos e estilísticos, que poderão estar

---

<sup>8</sup> “Los cuentos son vitales para el desarrollo del niño. Lo enseñan a volar más alto de lo cotidiano, a gustar de lo bello. Le ayudan a contemplar paisajes invisibles, a seguir diálogos y a comprender lo que sucede dentro de seres distintos a él, a distinguir lo fantástico de lo real” (PEÑA MUÑOZ, 1982, p. 59).

a serviço de uma ideologia ou da criatividade e do caráter lúdico ou de ambos em diferentes proporções”. Ao traduzir *Perico trepa por Chile*, nosso desejo é que o leitor possa identificar-se com o personagem, que entenda a cultura rural do Sul do Chile e, talvez, estimular a curiosidade por conhecer este país tão rico geográfica e culturalmente assim como o jovem Perico ao olhar o mapa do país pregado na parede de sua sala de aula.

## 5.2 Alicia Morel e Marcela Paz

Dentre as escritoras chilenas que mais se destacaram no cenário da literatura infantil, temos as autoras de *Perico trepa por Chile*. Alicia Morel, nascida em Santiago do Chile, no ano de 1921, teve sete irmãos e com eles dividia os livros de contos e suas histórias preferidas. Sua carreira como escritora teve o pontapé inicial em 1938 com a ajuda do pai, Eduardo Morel, que publicou uma coletânea de poemas que a filha escrevia desde os doze anos: *En el campo y la ciudad*. Em 1940 é publicado seu primeiro livro infantil: *Juan, Juanillo y la abuela*. Dez anos antes da publicação de *Perico trepa por Chile* (1978) foi escolhida como presidir a sede chilena da International Board of Books for Young People.

Alicia Morel colaborou em revistas infantis como *El Peneca* e *El volantín*. Ainda que tenha escrito outros gêneros literários era com os contos infantis que mais se identificava:

“Nasci escritora para crianças”, disse Alicia Morel. ‘Acredito que poucos autores se atreveriam a dizê-lo, pois, no Chile não se considera como literatura propriamente a infantil. Não me limitei somente a este gênero, mas sei que minha facilidade está nele’ [...]” (PEÑA MUÑOZ, 1982. P. 58).<sup>9</sup>

Marcela Paz, pseudônimo de Ester Huneeus Salas, nasceu 1904 e é mundialmente conhecida pela série de livros publicada pela editora Rapa Nui, *El Papelucho*, cujo primeiro volume da sequência foi lançado em 1947 e o último em 1974. Recebeu os prêmios Sanidad em 1927 por *Pancho en la luna*; Club Hípico em 1934 por *Soy colorina*; Los Andes em 1947 por *Papelucho*; Diploma de Mérito concedido pela IBBY em 1968 e o maior deles, o Prêmio Nacional de Literatura em 1982 (BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE, 2019).

## 6 Análise da tradução

---

<sup>9</sup> “Nací escritora para niños”, dice Alicia Morel. ‘Creo que pocos autores se atreverían a decirlo, pues en Chile no se considera como literatura propiamente a la infantil. No me he limitado solamente a este género, pero sé que mi facilidad está en él’ [...]” (PEÑA MUÑOZ, 1982, p. 58).

Esta seção é dedicada à análise comentada da tradução dos cinco capítulos escolhidos do livro *Perico Trepa por Chile*, de Alicia Morel e Marcela Paz. A edição utilizada está em arquivo digitalizado disponível na internet pela plataforma *Scribd* e a obra física foi publicada pela editora SM em 2014 (5ª edição). A obra dirige-se a crianças entre 9 e 13 anos e possui 293 páginas. Nossa tradução também destina-se à mesma faixa etária do público alvo brasileiro.

O primeiro passo da tradução, foi a delimitação dos capítulos que serviriam de escopo para o trabalho. Definimos, então que, os três primeiros serviriam como apresentação do personagem e do contexto do ambiente da obra e seriam traduzidos outros dois capítulos que continham algum tipo de crítica social para que o leitor deste trabalho possa se inteirar dessas abordagens sutis das autoras como ponto para reflexão e debate dos leitores tanto do texto fonte como do produto da tradução. O capítulo 19, “Os rebanhos do capitão”, trata sobre a exploração animal e a caça ilegal de animais marinhos e o capítulo 34, “Labirintos negros”, discorre sobre a situação dos trabalhadores das minas de carvão do Chile, retratando, principalmente, a questão da qualidade do ar e das enfermidades causadas pela silicose e o risco de explosões com o gás grisú. A carvoaria foi, por muito tempo considerada a principal atividade econômica do país e o tema está presente em outras narrativas literárias, como *La compuerta número 12* de Baldomero Lilio, onde, além das más condições de trabalho, há uma crítica ao trabalho infantil nas minas.

Para esta análise consideramos os seguintes aspectos da tradução: nomes próprios; elementos da gastronomia, fauna e flora; desinência verbal; uso de perífrases verbais e tradução de elementos de crítica social.

## **6.1 Tradução de nomes próprios**

Nos cinco capítulos em que se concentra esta análise encontramos seis registros de nomes próprios de personagens, alguns precisaram apenas de uma adaptação ortográfica, outros foram substituídos por seus referentes em português. Quanto ao nome do personagem principal, Perico, decidimos manter na forma original. No Chile é comum que se use esse nome para referir-se à uma pessoa indeterminada, tal como Fulano ou Beltrano, em português, um Zé-ninguém.

O menino Perico é um juvenzinho bastante sonhador, deseja se aventurar pelo Chile e conhecer cada canto, de norte a sul. Quando entalha uma flauta no bambu para que lhe sirva de apito para arriar as ovelhas, já se imagina como um flautista famoso, que dará concertos por todo país. Ao jogar uma pedra num cachorro no capítulo três, também se imagina como “aquele

que tem a melhor pontaria”. Embora seu nome tenha uma carga pejorativa, ele quer ser conhecido, deixar sua marca no mundo. Não quer ser qualquer Perico, mas O Perico ou “Perico o aventureiro” como escreveu em sua carteira escolar no dia em que foi se despedir de seus colegas e professoras. Por isso, decidimos manter o nome original, mantendo o referente cultural que pode ser explicado, numa publicação futura, em uma Nota do Tradutor ao final do livro, ou, de maneira mais simples, no início.

Nome próprio do personagem no texto fonte:	Nome próprio do personagem no texto meta:	Estratégias de tradução utilizadas:
Baltasar	Baltazar	Adaptação ortográfica
Cara de Ratón	Cara de Rato	Tradução literal, justificada por manter a carga de desprezo e mesquinha que o animal possui.
Lucho	Luizinho	Substituição de um referente pelo outro, mantendo o mesmo nome original (Luis ou Luiz)
Melchior	Melquior	Adaptação fonológica/ortográfica
Pancho	Chico	Substituição de um referente pelo outro, mantendo o mesmo nome original (Francisco).
Perico	Perico	Estrangeirização - manter a carga cultural do nome, que em espanhol significa um Zé-ninguém.
Perico el trepador	Perico o aventureiro	“Trepador” é dito de alguém que sobe ou trepa por alguma coisa, neste caso refere-se à geografia montanhosa do Chile, mas devido aos sonhos do personagem não serem exatamente relacionados com esse termo, “aventureiro” foi a opção escolhida.

**Quadro 6:** Análise da tradução de nomes próprios. Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

Também foram registrados quatro nomes de cidades chilenas todas mantidas com a grafia original. Apenas a cidade de “Arica” merece destaque nesta análise, pois adicionamos uma nota de rodapé para que fosse explicada a relação do trajeto desejado pelo personagem sem a necessidade de um mapa (como pode ser visto no quadro 3). Os exemplos estão no quadro abaixo em ordem alfabética:

Nome da cidade no texto fonte	Nome da cidade no texto meta	Estratégias de tradução utilizadas:
Arica	Arica (a cidade fica no extremo norte Chile, na divisa com o Peru)	A grafia se manteve, porém foi adicionado nota de rodapé para explicar o contexto.

**Quadro 7:** Nomes de cidades. Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

## 6.2 Elementos gastronômicos e geográficos (fauna e flora)

A respeito dos elementos gastronômicos: foram poucas menções à gastronomia chilena e há poucos elementos que demandaram uma estratégia diferenciada para que os leitores brasileiros pudessem entender. Um deles, é a palavra *tortilla*, prato típico da cultura hispânica cuja preparação consiste basicamente em ovos, farinha e batata, que pode ser substituída por uma linguiça ou verduras, dependendo do país em que é feito.

Elemento gastronômico presente no texto fonte	Tradução no texto meta	Estratégias de tradução utilizadas:
Charqui	Charque	Tradução literal
Tortillas	<i>Tortillas</i> (uma espécie de pão feito à base de farinha, sal e água cozinhada direto no meio das brasas).	A grafia se manteve, porém foi adicionado nota de rodapé para explicar do que é feita.

**Quadro 8:** Elementos da gastronomia. Fonte: elaborado pela autor, 2019.

Quanto aos elementos da fauna presentes no texto fonte, somente um se trata de espécie endêmica do território chileno, o *cururo* e, para melhor visualização do animal pelo leitor brasileiro, foi adicionada nota de rodapé explicativa.

Elemento da fauna do texto fonte	Tradução no texto meta	Estratégias de tradução utilizadas:
Cururo	Cururo (é uma espécie de roedor endêmica do Chile de “corpo cilíndrico, orelhas pequenas, olhos pequenos e uma cauda curta. Suas mãos têm grandes garras. Tem incisivos poderosos. Sua pele é curta e preta)	Como a trata-se de uma espécie endêmica, manter a grafia e adicionado nota de rodapé para explicar a aparência do animal caracteriza, assim, uma escolha estrangeirizante.

**Quadro 9:** Estratégia de tradução estrangeirizante para espécie endêmica. Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

### 6.3 Análise de desinência verbal, substituições de pronomes e acréscimo de locuções verbais

Ao iniciar o processo de tradução, decidimos manter os pronomes pessoais utilizados no discurso dos personagens do texto fonte (os personagens, em sua maioria, utilizam a 2ª pessoa do singular, tu) alterando somente a desinência verbal para que ficasse mais próximo à forma não padrão utilizada na região Sul do Brasil: pronome da 2ª pessoa do singular (tu) e verbo conjugado na 3ª pessoa do singular. Em alguns casos apenas substituímos o pronome “tu” por “você”, marcando, portanto, unicamente uma mudança de pronome que não será exemplificada aqui. Veja no quadro abaixo as mudanças na desinência verbal feitas na tradução.

Verbos no texto fonte	Alterações de desinência verbal no texto meta
-Perico, desde mañana <b>cuidarás</b> mis ovejas. Empieza el buen tiempo y es hora de que me <b>ayudes</b> .	-Perico, a partir de amanhã <b>tu vai</b> cuidar das minhas ovelhas. O tempo está bom e é hora de que me <b>ajude</b> .
- <b>Contarás</b> hasta treinta y luego veinte más. Así sabrás que están ahí mis cincuenta borregas.	- <b>Tu vai</b> contar as trinta e depois mais vinte. Assim <b>vai</b> saber que estão aí minhas cinquenta ovelhinhas.
- <b>Irás</b> solo a eso. Luego vuelves al monte, donde estaré esperándote...	- <b>Vai</b> somente para isso <b>Volta</b> logo, vou estar te esperando.
- <b>No has traído</b> almuerzo y es tarde –dijo su padre -. Será mejor que <b>empieces</b> desde mañana...	- <b>Tu não trouxe</b> almoço e já é tarde. – disse seu pai – Será melhor que <b>comece</b> amanhã...
- <b>Debiste llegar</b> más temprano para eso. Lleva al rosillo a casa. Está todo sudado, llévalo al tranco. <b>Almuerza</b> .	- <b>Devia</b> ter chegado mais cedo para isso. Leve o cavalo para casa. Está todo suado, <b>leve-o</b> no trote. <b>Almoce</b> .
-Mañana <b>tendrás</b> que levantarte más temprano. Yo te despertaré. Y <b>llevarás</b> tu almuerzo en el morral con lo que te ha preparado tu madre.	-Amanhã, <b>vai ter</b> que levantar mais cedo. Eu vou te acordar. E <b>vai levar</b> teu almoço na mochila com o que preparou tua mãe.
- <b>Te pondrás</b> mi poncho viejo [...].	- <b>Coloca</b> o meu poncho velho [...].
- <b>No te entretengas</b> demasiado con la flauta. Recuerda que <b>estarás</b> trabajando y cuidando del ganado.	- <b>Não te distraia</b> demais com a flauta. Lembra que <b>vai</b> estar trabalhando e cuidando do rebanho. Não pode perder uma ovelha.
-Mientras esté oscuro, <b>no te preocupes</b> .	-Enquanto estiver escuro, <b>não te preocupe</b> .
-Me <b>sacaste</b> de un lindo sueño...	-Me <b>tirou</b> de um sonho lindo...
- <b>Vas a ser</b> mía toda la vida, mía propia. [...] <b>tú me ayudarás</b> a arrear el piño.	- <b>Vai ser</b> minha por toda vida, só minha.[...] e <b>tu vai me ajudar</b> a arriar o rebanho.
-Estoy para cuidarte –le decía-, no <b>debes</b> tener miedo de los perros salvajes cuando yo estoy cerca.	-Estou aqui para te cuidar – lhe dizia -, <b>não fique</b> com medo dos cachorros selvagens quando eu estou por perto.
- <b>Debes</b> confiar en mí. No quiero que me <b>tengas</b> miedo...	- <b>Confie</b> em mim. Não quero que <b>tenha</b> medo de mim...
- <b>Cuéntalos</b> tú también.	- <b>Conte-os</b> você também.
-¡No lo <b>dirás</b> en serio!	-Não <b>está</b> brincando?
--¡ <b>Pasa</b> esa pala!	- <b>Passe</b> essa pá!
-¡A que <b>no sabes</b> dónde estamos?	-Então <b>tu não sabe</b> onde estamos?
-¿Cómo lo <b>sabes</b> ?	-Como é que tu <b>sabe</b> ?
-Apaga tu linterna y me sigues. Después apagaré la mía y tú <b>enciendes</b> la tuya...	-Desliga a tua lanterna e me siga. Depois eu desligo a minha e tu <b>acende</b> a tua...

**Quadro 10:** Alterações na desinência verbal. Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

Ainda no campo dos verbos, passamos agora para a inserção de locuções verbais no texto traduzido. Uma locução verbal é constituída por um verbo auxiliar + um verbo principal. Neste caso, a preferência foi o acréscimo de formas que constituem a perífrase de futuro com o

verbo *ir* no presente do indicativo e o *verbo principal* no infinitivo. Por vezes, a desinência do verbo auxiliar foi de encontro à mudança de desinência de outros verbos, da segunda pessoa do singular para a terceira pessoa do singular.

Essa decisão de mudar a forma verbal utilizada para indicar o futuro, substituindo o futuro simples pela locução verbal acima descrita, foi justamente uma estratégia domesticadora para que a fala dos personagens se tornasse mais próxima daquela ouvida/percebida pelo leitor do texto meta. Na tradução dos cinco capítulos foram acrescentadas 28 perífrases verbais com o verbo *ir* + *infinitivo* (sendo: 13 com o verbo auxiliar conjugado na primeira pessoa do singular; 12 com o verbo auxiliar conjugado na terceira pessoa do singular e 1 com o verbo auxiliar conjugado na primeira pessoa do plural e 2 com o verbo auxiliar conjugado na terceira pessoa do plural). No caso da tradução *lo conoceré* o pronome oblíquo *lo* foi substituído pelo pronome pessoal de caso reto *ele*. A expressão idiomática *te las voy a dar* significa “vou te dar uma surra” e na tradução para o português foi necessário deixar claro o que estava implícito no complemento direto *las* do espanhol.

Verbos no texto fonte	Locuções verbais acrescentadas
Algún día <b>treparé</b> por mi tierra igual que una araña.	Algum dia <b>vou subir</b> pela minha terra igual a uma aranha.
<b>Recorreré</b> hasta el último rincón...	<b>Vou percorrer</b> até o último canto...
-Perico, desde mañana <b>cuidarás</b> mis ovejas.	-Perico, a partir de amanhã tu <b>vai cuidar</b> das minhas ovelhas.
- <b>Contarás</b> hasta treinta y luego veinte más. Así <b>sabrás</b> que están ahí mis cincuenta borregas.	Tu <b>vai contar</b> as trinta e depois mais vinte. Assim <b>vai saber</b> que estão aí minhas cinquenta ovelhinhas.
-Al menos <b>podré</b> ir a despedirme de los amigos y mi maestra...	-Ao menos <b>vou poder</b> me despedir dos meus amigos e da professora...
-Luego vuelves al monte, donde <b>estaré esperándote</b> ...	-Volta logo, <b>vou estar</b> te esperando...
-No <b>volveré</b> . Desde ahora <b>cuidaré</b> las ovejas de mi padre...	-Não <b>vou voltar</b> . A partir de agora <b>vou cuidar</b> das ovelhas de meu pai...
-Mañana <b>tendrás</b> que levantarte más temprano. Yo te <b>despertaré</b> . Y <b>llevarás</b> tu almuerzo en el morral con lo que te ha preparado tu madre.	-Amanhã, <b>vai ter</b> que levantar mais cedo. Eu <b>vou te acordar</b> . E <b>vai levar</b> teu almoço na mochila com o que preparou tua mãe.
-[...] Recuerda que <b>estarás</b> trabajando y cuidando del ganado.	-[...] Lembra que <b>vai estar</b> trabalhando e cuidando do rebanho.
-Mientras esté oscuro, no te preocupes. Las ovejas <b>estarán</b> juntas y <b>no se moverán</b> comiendo el pasto con rocío. Cuando terminen de ramonear, ya <b>habrá aclarado</b> .	-As ovelhas <b>vão estar</b> juntas e <b>não vão se mover</b> comendo o pasto molhado de orvalho. Quando terminarem de pastar, já <b>vai estar</b> claro.
- <b>Vas a ser</b> mía toda la vida, mía propia. Yo <b>te cuidaré</b> siempre... Cuando tenga mi flauta <b>te enseñaré</b> el llamado y <b>tú me ayudarás</b> a arrear el piño. Nadie <b>nos separará</b> .	- <b>Vai ser</b> minha por toda vida, só minha. Eu <b>vou te cuidar</b> sempre... Quando eu tiver a minha flauta, <b>vou te ensinar</b> o chamado e <b>tu vai me ajudar</b> a arriar o rebanho. Ninguém <b>vai nos separar</b> .
-¡Mar! –se dijo-, algún día <b>lo conoceré</b> de verdad [...].	-O mar! –disse ele- Algum dia <b>vou conhecer ele</b> de verdade [...].
- <b>Le haré</b> punta a mi otra caña para que me sirva como lanza para cazarlas, por si acaso...	- <b>Vou apontar</b> o meu outro bambu para que me sirva como lança para caçá-las, quem sabe...
-¡Ah, ah, salvaje! –gritaba a todo pulmón-. ¡Yo <b>te las voy a dar!</b>	-Ah, ah, selvagem! – gritava a plenos pulmões – <b>Vou te dar uma surra!</b>

-Oye, Mirasol, ese <b>será</b> tu nombre, porque no hay otro más lindo para ti.	-Escute, Mirasol, este <b>vai ser</b> teu nome, porque não tem outro mais bonito pra ti.
Tenemos que alcanzarlo o <b>acabará</b> con la raza de los lobos y de las hermosas nutrias, ya bastante escasas.	Temos que alcançar ele ou <b>vai acabar</b> com a raça dos lobos e das lindas lontras, já bastante escassas.
-¡ <b>Trabajaré</b> al aire libre!	- <b>Vou trabalhar</b> ao ar livre!
-¡Es nuestro bus! –gritó Pancho saltando dentro -. Súbete, <b>llegaremos</b> más ligero –y siguieron viaje a toda velocidad por las negras galerías.	-É o nosso ônibus! –gritou Pancho saltando para dentro-. Sobe, <b>vamos chegar</b> mais rápido –e seguiram viagem a toda velocidade pelas galerias negras.

**Quadro 11:** Acréscimo de locuções verbais de futuro. Fonte: elaborado pelo autor, 2019

## 6.4 Questões sociais

Ao lermos pela primeira vez “*Perico trepa por Chile*” notamos que alguns assuntos chamavam atenção em meio à viagem do menino Perico. A caça ilegal de animais marinhos descrita no capítulo 19 é um tema com o qual os pequenos leitores, sejam chilenos ou brasileiros, não tem contato direto caso não residam em regiões litorâneas, por isso a decisão de traduzir este capítulo para este artigo específico foi pensada justamente para colocar em vista esse tema, propiciando que os leitores, adultos ou crianças, desta tradução venham a refletir sobre a questão.

No livro não fica explícito se o personagem “Cara de Rato” trabalha para alguma companhia de pesca de salmão ou se trabalha de forma autônoma. Sabe-se que os lobos marinhos são um “empecilho” para os grandes pescadores de salmão, que relatam que esses animais acabam com os cardumes de salmão. Há muito tempo, no Chile, vem se discutindo a liberação da caça para controle populacional e para que o “prejuízo” das empresas de salmão seja diminuído.

Alicia Morel e Marcela Paz abordam o tema da caça ilegal de uma maneira bastante sutil, principalmente ao não inferir nenhuma hipótese sobre o que ou quem estaria por trás do personagem “Cara de Rato”, embora pressupõe-se que interesses empresariais motivem suas atitudes ilegais. Apenas evidenciam que ele rouba as peles de lobo para vendê-las. Em nossa tradução optamos por não acrescentar nenhum detalhe que pudesse inferir algo sobre o personagem, justamente para que também não se perca a ingenuidade do personagem principal, Perico, que, naquele momento da trama está ainda no início de sua viagem e bastante preocupado com a questão ambiental.

Já o capítulo 34, em que o personagem principal visita uma mina de carvão, é evidenciada a precária situação dos trabalhadores das minas de carvão chilenas. Como mencionado anteriormente, era comum, também a utilização de mão de obra infantil nas minas.



Esse capítulo retrata principalmente a questão da qualidade do ar e das enfermidades causadas pela silicose e o risco de explosões por conta do gás grisú.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que traduzir literatura vai muito além de pesquisar sobre estratégias tradutórias. Trata-se de entender de qual maneira essas estratégias impactarão no produto final. Em razão de termos traduzido um livro infantil, também foi necessário entender as sutilezas das críticas sociais expostas na narrativa e como fazer para transportar o leitor brasileiro a esses contextos e levá-lo a refletir que, apesar de parecerem distantes, algumas situações como o abandono escolar ainda permeiam o cotidiano de crianças do nosso país.

Concluimos que, ao optar pela estratégia estrangeirizante, nem sempre é possível apenas deixar a referência implícita na palavra que causa estranhamento. Precisamos recorrer a notas de rodapé para aclarar alguns conceitos, pois ao traduzir para crianças, este é um fator a ser considerado. O tamanho dessas notas e o que seria descrito nelas também precisou ser pensado com mais atenção.

Estratégias como o acréscimo das locuções verbais adicionaram um teor doméstico ao texto sem, porém, apagar o traço da fala simples que pode ser observado no contexto rural. Essa escolha também possibilitou que o “estranho” ficasse visível, a não adequação à norma padrão da língua portuguesa reflete a nossa intenção em não tornar o produto final apenas uma mera reescrita homogeneizada e padronizada. O ato de reescrever esse texto na língua portuguesa brasileira deixa evidente, não só as marcas da cultura chilena como também a própria cultura brasileira e era esse nosso objetivo desde o princípio. Nosso papel de tradutoras continuou visível e conseguimos realizar essa tradução sem apagar os traços culturais tão importantes à uma obra literária.

## REFERÊNCIAS

AZENHA JUNIOR, J. Tradução & literatura infantil e juvenil. *In*: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. **Tradução &**: perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 209-232. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-10.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

BERMAN, A. **A tradução e a letra**: ou, O albergue do longínquo. 2.ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. Disponível em:

[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178888/Antoine\\_Berman\\_-\\_Traducao\\_e\\_a\\_Letra\\_2a%20ed\\_2013.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178888/Antoine_Berman_-_Traducao_e_a_Letra_2a%20ed_2013.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 05 set. 2018.

BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. **Alicia Morel**. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-95634.html>. Acesso em: 04 abr. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. **Marcela Paz**. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3595.html>. Acesso em: 04 abr. 2019.

BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BURKE, P.; HSIA, R. Po-chia. **A tradução Cultural: nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. 89 p. (Primeiros Passos; v. 163).

LINGUEE. **Dicionário on-line**. Disponível em: <https://www.linguee.es/>.

WORD REFERENCE. **Dicionário on-line**. Disponível em: <http://www.wordreference.com/>.

DINIZ, P. S. A abordagem processual da tradução. *In: Tradução de DPs com múltipla pré-modificação: análise em termos de custo de processamento envolvido no processo tradutório*. 2014. 314 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2014, p. 27-62. Disponível em: [http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012061\\_2014\\_pretextual.pdf](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012061_2014_pretextual.pdf). Acesso em: 25 out. 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HENNECKE, A. Traducción y cultura: reflexiones sobre la dimensión cultural de textos y su importancia para la traducción. **Cuadernos de Lingüística Hispánica**, nº 26, p. 103-119, jul.-dez. 2015. Tunja: Uptc. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/clin/n26/n26a06.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6º ed. São Paulo: Ática, 1999. 190 p. (Fundamentos).

LEFEVERE, A. O sistema: mecenato. *In: Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 29-47.

MARTINS, M. do A. P. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. **Cadernos de Letras (UFRJ)**, nº 27, p. 59-72, dez. 2010. Disponível em: [http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl30122010marcia.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl30122010marcia.pdf). Acesso em: 20 out. 2018.

PAZ, M.; MOREL, A. **Perico trepa por Chile**. 5ª ed. Santiago de Chile: SM, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/317074982/PERICO-TREPA-POR-CHILE-PDF-pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

PEÑA MUÑOZ, M. **Historia de la Literatura Infantil Chilena**. Santiago de Chile: Editorial Andres Bello, 1982.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. Sobre os diferentes métodos de tradução. *In*: HEIDERMANN, W. (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. 2ª edição. Florianópolis. UFSC/Núcleo de Pesquisa e Tradução, 2010.

VENUTI, L. **A Invisibilidade do Tradutor**. Trad. Carolina Alfaro. *In*: Palavra 3. Rio de Janeiro: Depto. de Letras da PUC, 1995.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

WAISMAN, S. **Borges y la traducción**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2005.

ZIPSER; POLCHLOPEK; FRENKEL. Definindo valores na tradução. *In*: **Estudos da tradução II**. Florianópolis, SC: UFSC/CCE, 2009, p.49-68. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/123954/Livro%20de%20Estudo%20da%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20II%202009.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 set. 2018.

## **ESTRATEGIAS Y POSIBILIDADES DE TRADUCCIÓN CULTURAL EN LA LITERATURA INFANTIL CHILENA DE LA DÉCADA DE 1970**

### **RESUMEN**

Este artículo incluye la traducción de cinco capítulos del libro infantil chileno *Perico trepa por Chile*, escrito en 1978 por Alicia Morel y Marcela Paz. Como aporte teórico utilizamos los trabajos de algunos teóricos como Lawrence Venuti, Antoine Bermann y André Lefevre para aclarar algunas cuestiones acerca de la traducción cultural; el concepto de *traducción como proceso*; estrategias de *domesticación* y *extranjerización* y el panorama de la literatura infantil chilena y brasileña. Buscamos demostrar que a través de una estrategia de traducción extranjerizante o menos domesticadora es posible enaltecer, difundir y aproximar dos culturas. Nuestro objetivo es, también, tornar conocida la literatura infantil chilena, contribuyendo con la difusión de la literatura de países hispanoamericanos como forma de integración con Brasil; valorar este género literario, que, por mucho tiempo, fue considerado como de menor valor y estimular la aproximación de niños y adolescentes a otra cultura.

**Palabras clave:** traducción; literatura infantil; estrategias de traducción.

## APÊNDICES

<p><b>Perico trepa por Chile – Alicia Morel; Marcela Paz</b></p> <p><b>Capítulo 1. El fueguino</b></p> <p>-¡Perico, vuelve a contar! -Pero si lo conté bien, señorita. -Contaste solo hasta treinta...-la profesora parecía a punto de enojarse-. Escucha, Perico, ya es hora de que pongas atención. Sabes leer y escribir, pero cuentas solo hasta treinta. ¿Qué te pasa? Toda la clase sabe contar hasta mil...</p> <p>Perico miró al suelo. Tenía sus razones para no saber contar como los otros. Pero no podía decir las. Empezó a pasar el dedo en torno al pupitre.</p> <p>-¡Perico! -Sí, señorita – se levantó y miró de frente a la maestra. -¿Tienes alguna preocupación? ¿Hay problemas en tu casa? Perico miró a sus compañeros que reían y también rió. Sus grandes dientes blancos separados brillaban en su cara morena, más morena por el acholo. En realidad, no sabía si todos se reían de él y tampoco entendía las preguntas de la profesora. Por fin se decidió a contestar: -Sí, señorita, hay problemas... -dijo. -Bien, Perico, hablaremos después –y continuó la clase.</p> <p>Perico tenía ocho años y le gustaba mucho ir a la escuela y jugar con los compañeros. Su vida era muy sola en el rancho de su padre, tan lejos de todo. Tan lejos que para ir a la escuela tenía que hacerlo en el caballo de su padre y salir de noche en invierno. Pero el animal conocía el camino a ciegas y ni siquiera tropezaba.</p> <p>Vivían en Tierra del Fuego, la zona más austral de Chile, donde los días son tan cortos en invierno que hay apenas cinco horas de luz. Al revés, en verano son tan largos que todos se acostaban en pleno día, porque la noche era la corta.</p> <p>En sus pequeñas tierras de lomas suaves, el padre de Perico criaba ovejas finas, que él mismo pastoreaba. Le había dicho a Perico que el día que pudiera contar hasta cincuenta, tendría que hacerse cargo del rebaño. Pero Perico prefería continuar yendo a la escuela, aunque para llegar a ella tenía que salir a veces con dura lluvia y el viento helado que lo traspasaba más que la nieve. Y por eso Perico no aprendía a contar hasta cincuenta.</p> <p>-Si mi padre me pone de pastor, tendré que estar toda mi vida contando ovejas, como él – pensaba Perico mirando el largo mapa de Chile que colgaba en un muro de la sala de clases-. No. Algún día prepararé por mi tierra igual que una araña. Recorreré hasta el último rincón...</p> <p>Pero esa misma noche, durante la comida, su padre le dijo:</p>	<p><b>Aventuras e desventuras de Perico pelo Chile – Alicia Morel; Marcela Paz</b></p> <p><b>Capítulo 1. O fueguino</b></p> <p>-Perico, volte a contar! -Mas eu contei certo, professora. -Você contou só até trinta... – a professora parecia a ponto de enfurecer-se –Escute, Perico, já está na hora de que preste atenção. Você sabe ler e escrever, mas só conta até trinta. O que há com você? Toda a classe sabe contar até mil...</p> <p>Perico baixou a cabeça. Tinha suas razões para não saber contar como os outros. Mas não podia dizê-las. Passou o dedo pela carteira.</p> <p>-Perico! -Sim, professora – levantou-se e olhou de frente para ela. -O que está preocupando você? Há algum problema em sua casa? Perico olhou para seus colegas que riam e riu com eles. Seus grandes dentes brancos separados brilhavam em seu rosto moreno, mais moreno pela vergonha. Na verdade, não sabia se todos riam dele, nem entendia as perguntas da professora.</p> <p>Por fim decidiu responder: -Sim, professora, há problemas... – disse. -Muito bem, Perico, conversaremos depois. –e continuou a aula.</p> <p>Perico tinha oito anos e gostava muito de ir à escola e brincar com seus colegas. Sua vida era muito solitária no rancho de seu pai, tão longe de tudo. Tão longe que precisava ir para a escola com o cavalo de seu pai e sair de madrugada no inverno. Mas o animal conhecia o caminho às cegas e nem sequer tropeçava.</p> <p>Moravam na Terra do Fogo, a zona mais austral do Chile, onde os dias são tão curtos no inverno que há apenas cinco horas de luz. Ao contrário, no verão são tão compridos que todos se deitam em plena luz do dia, por que as noites é que são curtas.</p> <p>Em seu pequeno rancho de suaves colinas, o pai de Perico criava ovelhas de raça que ele mesmo pastoreava. Ele falou para Perico que no dia em que o menino aprendesse a contar até cinquenta, deveria tomar conta do rebanho. Mas Perico preferia continuar indo para a escola, ainda que para chegar tivesse que ir com violenta chuva e com o vento gelado que o açoitava mais que a neve. E por isso, Perico não aprendia a contar até cinquenta.</p> <p>-Se meu pai me obrigar a ser pastor, terei que estar toda a vida contando ovelhas, como ele – pensava Perico olhando o comprido mapa do Chile que estava grudado em uma parede da sala de aula. – Não. Algum dia vou subir pela minha terra igual a uma aranha. Vou percorrer até o último canto...</p>
--	--

-Perico, desde mañana cuidarás mis ovejas. Empieza el buen tiempo y es hora de que me ayudes.

-Pero papá, usted tiene cincuenta ovejas. Yo solo sé contar hasta treinta...

-Contarás hasta treinta y luego veinte más. Así sabrás que están ahí mis cincuenta borregas.

A Perico se le alargó la cara. Ya no volvería a la escuela, no vería las fiestas de fin de año, no galoparía a todo lo que daba el caballo de su padre para llegar a tiempo. Se aburriría atrocemente cuidando y contando ovejas, solo, entre lomas.

Sintió ganas de llorar, porque no podía adivinar las sorpresas y aventuras de su nueva vida.

-Al menos podré ir a despedirme de los amigos y mi maestra...-moqueó.

-Irás solo a eso. Luego vuelves al monte, donde estaré esperándote...

Desde ese momento, la escuela se convirtió en lo más maravilloso y alegre de su vida. Soñó toda la noche con sus compañeros que corrían y gritaban jugando. Parecían tener alas y volar sobre los patios...

Se despertó y partió corriendo a ensillar su caballo. Galopaba pensando en la soledad que lo esperaba un par de horas después.

No quiso decirles a sus amigos que ya no volvería. No quería que lo compadecieran. Quizá se lo contaría a la profesora. Llegó hasta su pupitre y se sentó como todos los días. Trataba de no pensar que al salir a recreo se iría para siempre de ese mundo y sería un pastor. Solo. Mudo. Con disimulo, sacó un clavo de su bolsillo y grabó su nombre en su pupitre: "Perico el trepador".

Salió con todos al recreo, y de pronto se acercó a su profesora y, sin mirarla, le dijo:

-No volveré. Desde ahora cuidaré las ovejas de mi padre... -y sin esperar comentario, corrió hacia el cobertizo, apretó la cincha a su caballo y, montando de un salto, partió a todo galope.

Llegó al lugar del pastoreo.

-No has traído almuerzo y es tarde -dijo su padre -. Será mejor que empieces desde mañana...

-No, papá, tú dijiste que empezaría hoy...

-Debiste llegar más temprano para eso. Lleva al rosillo a casa. Está todo sudado, llévalo al tranco. Almuerzo.

Por un momento, Perico sintió rabia. ¿Por qué lo habían hecho volver de la escuela a media mañana? Luego reaccionó, al torcer la rienda y encaminarse paso a paso a su rancho. Tenía que olvidarse del colegio. Al fin y al cabo, un día u otro, todos dejan la escuela para irse a trabajar. Ahora le tocaba pensar en algo para no aburrirse de pastor... Y vio la imagen del pastorcito del nacimiento con su flauta. Sí, él podía hacerse una de caña. Con su flauta llamaría a las ovejas, inventaría una melodía para ellas y para el mundo entero. Quizá sería un

Mas essa mesma noite, durante o jantar, seu pai lhe disse:

-Perico, a partir de amanhã tu vai cuidar das minhas ovelhas. O tempo está bom e é hora de que me ajude.

-Mas papai, você tem cinquenta ovelhas. Eu só sei contar até trinta...

-Tu vai contar as trinta e depois mais vinte. Assim vai saber que estão aí minhas cinquenta ovelhinhas.

Perico se emburrou. Já não voltaria à escola, não veria as festas de fim de ano, não iria com o cavalo de seu pai a todo galope para chegar à tempo. Ficaria muito entediado cuidando e contando ovelhas, sozinho, nas colinas.

Sentiu vontade de chorar, por que não podia adivinhar as surpresas e aventuras de sua nova vida.

-Ao menos vou poder me despedir dos meus amigos e da professora... - choramingou

-Vai somente para isso. Volta logo, estarei te esperando...

A partir deste momento, a escola se transformou na coisa mais maravilhosa e alegre de sua vida. Sonhou a noite toda com seus colegas que corriam e gritavam brincando. Pareciam ter asas e voar sobre os pátios.

Acordou e partiu correndo para encilhar seu cavalo. Galopava pensando na solidão que o esperaria um par de horas depois.

Não quis dizer aos seus amigos que não voltaria. Não queria que sentissem pena. Talvez contasse à professora. Chegou até sua carteira e sentou-se como fazia todos os dias. Tentava não pensar que ao sair para o recreio iria embora para sempre deste mundo e seria um pastor. Sozinho. Mudo. Discretamente tirou um prego de seu bolso e gravou seu nome na carteira: "Perico o aventureiro".

Saiu com todos ao recreio, rapidamente se aproximou da professora e, sem olhá-la, lhe disse:

-Não vou voltar. A partir de agora vou cuidar das ovelhas de meu pai... - e sem esperar um comentário, correu até o galpão, apertou a cincha de seu cavalo e, montando num pulo, partiu a todo galope.

Chegou ao lugar do pastoreio.

-Tu não trouxe almoço e já é tarde. - disse seu pai - Será melhor que comece amanhã...

-Não, papai, tu disseste que eu começaria hoje.

-Devia ter chegado mais cedo para isso. Leve o cavalo para casa. Está todo suado, leve-o no trote e almoce.

Por um momento, Perico sentiu raiva. Por que o fizeram voltar da escola no meio da manhã? Depois reagiu, torceu as rédeas e encaminhou-se passo a passo a seu rancho. Precisava esquecer-se da escola. No fim das contas, mais cedo ou mais tarde, todos iriam deixar a escola para trabalhar.

flautista famoso y entonces viajaría por todo Chile hasta llegar a Arica. Bien caminados, quizá podría hacer el recorrido en una semana.

El rosillo alargaba el camino con su lenta marcha. A él no le pasaría eso –pensaba Perico; nunca se había cansado. Seguramente el rosillo era viejo...

Lo dejó pastar un rato y luego sintió sonar sus propias tripas.

-Yo también tengo hambre –le dijo tirándolo de la rienda-. ¡Andando!

Esa noche, cuando Perico se metió a la cama junto a su hermano chico, su padre le indicó:

-Mañana tendrás que levantarte más temprano. Yo te despertaré. Y llevarás tu almuerzo en el morral con lo que te ha preparado tu madre.

Perico se tapó con la frazada y apretó bien los ojos que querían llorar.

-Ella no es mi madre –murmuró bajo la ropa -. Mi madre está en el cielo. Ella es puramente mi madrastra, la madre de mis hermanos chicos. Pero no mía. Mi madre es linda, mucho más buena y me quiere tremendo porque yo soy su único hijo y ella es mi única madre. ¡Entera mía!

Sorbió con fuerza y apretó la cabeza contra el colchón, tratando de dominar su pena. Más le valía pensar en las melodías de su flauta, en ser famoso por su música, en llenar Tierra del Fuego con el poder de sus canciones... No miraría demasiado a las ovejas. Las cuidaría, sí, pero estaría mirando mucho más lejos. Flautista famoso y trotatierras de Chile; esa era su ambición...

Agora precisava pensar em algo para não se entediar como pastor... E viu a imagem do pastorzinho do presépio com sua flauta. Sim, ele podia fabricá-la com bambu. Com sua flauta chamaria as ovelhas, inventaria uma melodia para elas e para o mundo inteiro. Talvez fosse um flautista famoso e então viajaria por todo o Chile até chegar a Arica<sup>10</sup>. Com passo largo, talvez fosse possível realizar o percurso em uma semana. O cavalo avançava pelo caminho com sua marcha lenta. Isso nunca aconteceria com ele, não conhecia o cansaço –pensou Perico. Certamente, cavalo já era velho.

Deixou ele pastando e logo, sentiu roncar as suas próprias tripas.

-Eu também tenho fome – disse-lhe sacudindo as rédeas – Andando!

Essa noite, quando Perico deitou na cama junto de seu irmão mais novo, seu pai lhe indicou:

-Amanhã, vai ter que levantar mais cedo. Eu vou te acordar. E vai levar teu almoço na mochila com o que preparou tua mãe.

Perico se escondeu com a manta e apertou bem os olhos que queriam chorar.

-Ela não é minha mãe – murmurou debaixo do cobertor – minha mãe está no céu. Ela é somente minha madrastra, a mãe dos meus irmãos. Mas não a minha. Minha mãe é linda, muito melhor que ela e me ama muito por que sou seu único filho e ela é minha única mãe. Inteira minha!

Suspirou com força e apertou a cabeça contra o colchão. Tratando de dominar sua pena. Mais valia pensar nas melodias de sua flauta, em ser famoso pela sua música, em encher a Terra do Fogo com o poder de suas canções... Não ficaria muito de olho nas ovelhas. Cuidaria delas, sim, mas estaria olhando para muito mais longe. Flautista famoso e andarilho do Chile; essa era sua ambição.

<sup>10</sup> Arica – cidade mais ao norte do Chile, na divisa com o Peru.

## Capítulo 2 ;Falta una!

Le pareció que recién se había dormido cuando su padre lo despertó remeciéndolo. Salió de la cama sin despertar a su hermano chico. Su madrastra y la hermanita menor dormían aún.

La cocinilla estaba encendida y el cuarto olía a café y pan tostado. Su padre removía unas tortillas sobre las brasas y la leche subía en la olla. El desayuno tenía un sabor especial; así, compartido entre él y su papá.

-Te pondrás mi poncho viejo. El frío pica mucho a esta hora –le dijo su padre.

-¿Puedo llevarme un cuchillo? Quiero hacerme una flauta de caña – explicó Perico.

El padre eligió uno. No tenía mango ni filo, pero eso no era problema, ya que lo afilaría en una piedra. El poncho, al ponérselo, llegó al suelo. Mejor, así lo calentaría entero.

-No te entretengas demasiado con la flauta. Recuerda que estarás trabajando y cuidando del ganado. No puede perderse una oveja.

Salieron juntos y levantaron la tranca del corral. Las ovejas se empujaron impacientes por salir a comer y partieron atropellándose en la escasa claridad.

Perico las siguió y en el camino ubicó a tientas unas cañas que cortó para llevar consigo.

-Mientras esté oscuro, no te preocupes. Las ovejas estarán juntas y no se moverán comiendo el pasto con rocío. Cuando terminen de ramonear, ya habrá aclarado.

Trotando junto a su padre, sintió Perico que se calentaba, a pesar del aire helado. Los días empezaban a alargarse cuando llegaba el verano.

Por fin se detuvo el rebaño. El padre de Perico se despidió repitiendo sus recomendaciones y volvió a casa.

Perico se dejó caer sobre los cojines de pasto áspero y húmedo y afirmó su cabeza en el morral para dormir otro poco. El poncho tenía un olor familiar y casero que lo hacía sentirse acompañado mientras miraba el cielo, donde, entre vapores de niebla, navegaban las estrellas. Descubrió entre ellas unas que parecían un volantín gigante y pensó ponerles nombre, pero el sueño le cerró los ojos.

Lo despertó un extraño cosquilleo. Algo corrió sobre su cuerpo y llegó a rasguñarle su nariz. Perico dio un salto justo a tiempo para ver desaparecer un cururo en su pequeña cueva.

-¡Especie de ratón! –lo insultó-. Me sacaste de un lindo sueño... -y se puso a escarbar con la caña la cueva del cururo.

## Capítulo 2. Falta uma!

Pareceu que apenas tinha dormido quando seu pai o acordou sacudindo-o. Saiu da cama sem acordar seu irmão mais novo. Sua madrastra e a irmãzinha pequena ainda dormiam.

O pequeno fogareiro estava aceso e o quarto cheirava a café e pão tostado. Seu pai revirava umas *tortillas*<sup>11</sup> sobre as brasas enquanto o leite fervia na panela. O café da manhã tinha um sabor especial; assim, compartilhado entre ele e seu pai.

-Coloca o meu poncho velho. O frio bate muito forte há esta hora – disse seu pai.

-Posso levar uma faquinha? Quero fazer uma flauta de bambu – explicou Perico.

O pai escolheu um. Não tinha cabo nem fio, mas isso não era problema, já que o afiaria em uma pedra. Quando vestiu o poncho o tecido tocou o chão. Melhor, assim o esquentaria da cabeça aos pés.

-Não te distraia demais com a flauta. Lembra que vai estar trabalhando e cuidando do rebanho. Não pode perder uma ovelha.

Saíram juntos e levantaram a ferrolho do curral. As ovelhas se empurraram impacientes para sair comer e partiram atropelando-se na escassa claridade.

Perico as seguiu e no caminho localizou umas tantas canas de bambu que cortou para levar com ele.

-Enquanto estiver escuro, não te preocupe. As ovelhas vão estar juntas e não vão se mover comendo o pasto molhado de orvalho. Quando terminarem de pastar, já vai estar claro.

Trotando junto a seu pai, Perico sentiu que se esquentava, a pesar do ar gelado. Os dias começam a ficar mais compridos quando chega o verão.

Por fim, o rebanho se deteve. O pai de Perico se despediu repetindo suas recomendações e voltou para casa.

Perico jogou-se sobre as almofadas de pasto áspero e húmido e apoiou sua cabeça na mochila para dormir mais um pouco. O poncho tinha um cheiro familiar e caseiro que o fazia sentir-se acompanhado enquanto olhava o céu, onde, entre vapores de neblina, navegavam as estrelas. Descobriu entre elas algumas que pareciam pipas gigantes e pensou em dar-lhes um nome, mas o sono lhe fechou os olhos.

Uma estranha cócega o acordou. Algo correu pelo seu corpo e chegou a arranhar seu nariz. Perico deu um pulo justo a tempo de ver desaparecer um *cururo*<sup>12</sup> em sua pequena cova.

<sup>11</sup> Tortilhas: uma espécie de pão feito à base de farinha, sal e água cozinhada direto no meio das brasas.

<sup>12</sup> Cururo: é uma espécie de roedor endêmica do Chile de “corpo cilíndrico, orelhas pequenas, olhos pequenos e uma cauda curta. Suas mãos têm grandes garras. Tem incisivos poderosos. Sua pele é curta e preta” Disponível em <https://www.ruta-patagonia.com/Guia-de-Fauna-Detalle.php?N=Cururo>. O animal pode ser comparado a anatomicamente com um castor com a cauda fina ou uma capivara pequena.

Ya era de día y Perico recordó de pronto su trabajo. Con espanto se vio solo en el llano. Ninguna oveja se divisaba por ningún lado. Creyó vivir una horrible pesadilla.

-¿Estaré despierto? – se preguntó dándose un pellizco en la mejilla, que le dolió harto.

Corrió de un lado a otro, pero no había una sola oveja a la vista. Quizá cuánto dormiría... Su corazón tamborileaba de susto.

-¡Si al menos tuviera un perro ovejero! Mi padre debe dármelo. Se me pierden las ovejas cuando ni siquiera he fabricado mi flauta... ¡No pueden estar muy lejos!

De pronto le dio calor y se sacó la manta, dejándola caer. Fue entonces cuando divisó muy lejos un grupito del rebaño y más allá otras pocas ovejas. Impaciente comenzó a contarlas.

En un grupo contó diecisiete, treinta en el otro y dos que pastaban muy lejos. Treinta y dos y diecisiete, se dijo maravillado de contar más de treinta. Luego contó otra vez las treinta y dos, y siguió hasta contar cuarenta y nueve. Volvió a contar y una vez más resultaban cuarenta y nueve las ovejas. ¡Faltaba una!

Corrió con su larga caña a reunir las, arreándolas con gritos hacia el sitio donde dejó su manta, la recogió y llevó el piño al lugar donde había dormido. Ahí estaba su morral y las demás cañas. Quiso abrir el morral porque tenía hambre, pero se aguantó porque primero tenía que encontrar la oveja perdida. ¡Qué diría su padre si fallaba el primer día!

Buscó en las quebradas, entre los arbustos achatados por fuertes vientos... ¡Pero nada!

Allá abajo, camino del rancho, donde su padre apilaba el coirón enfardado, le pareció ver algo.

-Podría ser... ¿Pero por qué se ha ido sola? O quizá quedó atrás desde un principio.

Se deslizó por la loma y a medida que se acercaba, el bulto se parecía más a una oveja.

Por fin estuvo cerca y, ya seguro, le extrañó la rara actitud del animal: estaba inmóvil, con la cabeza levantada y no comía.

Perico llegó hasta ella y comprendió lo que pasaba: estaba dando vida a una ovejita, pero tenía problemas. Vio en sus ojos una terrible angustia: lo miraba como pidiendo ayuda. El corderito tenía solo la cabeza y una pata afuera y se esforzaba inútilmente en tratar de adelantar su otra patita. Perico había visto muchas veces a su padre ayudando a una oveja en situaciones como esta y no vaciló en imitarlo. Solo que le faltaban fuerzas... Logró alcanzar la patita doblada y sus manos inseguras pudieron sacarla de su aprieto.

La oveja madre se levantó del pajar en que estaba echada, mientras Perico recogía en sus brazos al corderito que respiraba mal. Sujetó su cabeza en sus brazos, que caía sin aliento, y poco a poco logró que la sostuviera. Los ojos asustados se

-Seu projetinho de rato! – xingou – Me tirou de um sonho lindo... – e pôs-se a escavar a cova do rato com a cana.

Já era dia e Perico lembrou repentinamente de seu trabalho. Espantado, se viu sozinho na planície. Não via nenhuma ovelha por perto. Pensou que estava dentro de um horrível pesadelo.

-Será que estou dormindo? – se perguntou dando um beliscão na bochecha, que doeu muito.

Correu de um lado para o outro, mas não havia nenhuma ovelha por perto. Talvez enquanto dormia... Seu coração tamborilava de susto.

-Se ao menos eu tivesse um cão pastoreio! – Meu pai deveria me dar um. Perdi as ovelhas e nem sequer fabriquei minha flauta... Não podem estar muito longe!

De repente ficou com calor e tirou a manta, deixando-a cair. Foi então que avistou, muito longe, um grupinho do rebanho e mais além outras poucas ovelhas. Impaciente começou a contá-las.

Em um grupo contou dezessete, trinta no outro e duas que pastavam muito longe. Trinta e duas e dezessete. Rapidamente percebeu que sabia contar além do número trinta. Logo contou outra vez as trinta e duas, e seguiu até contar quarenta e nove. Voltou a contar e uma vez mais somou quarenta e nove ovelhas. Faltava uma!

Correu com sua comprida cana de bambu para reuni-las, arriando-as com gritos até o lugar onde deixou sua manta, a recolheu e levou o rebanho até o lugar onde tinha dormido. Ali estava sua mochila e as demais canas. Quis abrir a bolsa porque estava com fome, mas se aguentou porque primeiro tinha que encontrar a ovelha perdida. O que diria seu pai se faltasse uma no primeiro dia!

Procurou nas quebradas, entre os arbustos achatados pelos fortes ventos... Mas nada!

Lá embaixo, no caminho do rancho, onde seu pai empilhava o pasto cansado, lhe pareceu ver algo.

-Pode ser... Mas por que foi embora sozinha? Ou talvez ficou para trás desde o princípio.

Deslizou pelo morro e, à medida que se aproximava, o vulto ficava mais parecido com uma ovelha.

Por fim estava próximo e tinha certeza de que era ela, mas estranhou a rara atitude do animal: estava imóvel, com a cabeça levantada e não comia.

Perico foi até ela e compreendeu o que estava acontecendo: estava parindo uma ovelhinha, mas estava com problemas. Viu em seus olhos uma terrível angústia: olhava para ele como se pedisse ajuda. O cordeirinho tinha só a cabeça e uma pata de fora e se esforçava inutilmente para tirar sua outra patinha. Perico tinha visto várias vezes seu pai ajudando uma ovelha em situações como essa e não hesitou em imitá-lo. Mas lhe faltavam forças... Conseguiu tirar a patinha dobrada e suas mãos inseguras puderam tirá-la de seu apuro.



calmaban y cuando la acercó a la madre, ella lengüeteó. La recién nacida hizo un esfuerzo por levantarse, pero no pudo tenerse de pie.

Por un rato Perico olvidó sus deberes de pastor, confiaba en que el piño reunido siguiera comiendo y que no llegara su padre a sorprenderlo lejos del rebaño.

Al fin la ovejita baló y respiró tranquila. Perico la levantó en brazos para darle calor y se encaminó hacia donde estaban las otras. La madre los siguió.

Con el animalito en sus brazos, Perico sentía una rara felicidad. La corderita se acurrucaba contra él, parecía quererlo y aceptar su cariño.

-Eres mía –le decía Perico-, yo te ayudé a vivir. Quizá te hubieras muerto si no me acerco en este momento. Vas a ser mía toda la vida, mía propia. Yo te cuidaré siempre... Cuando tenga mi flauta te enseñaré el llamado y tú me ayudarás a arrear el piño. Nadie nos separará, ¿quieres?

La recostó sobre su manta, porque la pobre no podía sostenerse. Tenía las patas blandas y se doblaban. La madre se acercó y logró darle su leche. Le costaba tragar y demoró su primer almuerzo.

Apenas empezó a oscurecer, el pastor arreó el rebaño camino del corral. Cogió en sus brazos a la recién nacida, mientras la oveja madre lo seguía muy de cerca. La acomodó en un rincón del corral para que las otras no la atropellaran, colocó la tranca y se fue al rancho.

Su padre no había regresado, de modo que decidió guardarse el secreto de su ovejita propia. Al verla tan debilucha podían querer sacrificarla.

Comieron sin su padre y cuando terminó de lavar los platos se metió en la cama en que ya dormía su hermano. Estuvo un buen rato desvelado pensando si le diría o no a su padre su secreto.

Pero el padre no llegó y finalmente se quedó dormido.

A ovelha mãe levantou-se do palheiro em que estava deitada, enquanto Perico acolhia em seus braços o cordeirinho que respirava mal. Segurou a cabeça do animal, que caía sem ânimo, em seus braços e, pouco a pouco, conseguiu que a sustentasse. Os olhos assustados se acalmaram e quando a aproximou da mãe, ela lambeu o focinho preto e foi limpando a ovelhinha. A recém-nascida fez um esforço para levantar-se, mas não conseguiu se manter de pé.

Por um instante, Perico se esqueceu de seus deveres de pastor; confiava que o rebanho reunido seguiria comendo e que seu pai não o surpreenderia longe do rebanho.

Por fim, a ovelhinha baliu e respirou tranquila. Perico a levantou nos braços para acalentá-la e se encaminhou até onde estavam as outras. A mãe os seguiu.

Com o animalzinho nos braços, Perico sentia uma rara felicidade. O cordeirinho se aconchegava nele, parecia gostar do menino e aceitar seu carinho.

-Você é minha – lhe dizia Perico – eu, te ajudei a viver. Talvez tivesse morrido se eu não me aproximasse nesse momento. Vai ser minha por toda vida, só minha. Eu vou te cuidar sempre... Quando eu tiver a minha flauta, vou te ensinar o chamado e tu vai me ajudar a arriar o rebanho. Ninguém vai nos separar. Aceita?

A recostou sobre sua manta, por que a pobrezinha não podia manter-se em pé. Tinha as patas moles e se dobravam. A mãe se aproximou e conseguiu lhe dar leite. Custava a engolir e seu primeiro almoço foi demorado.

Perico contou rapidamente as ovelhas e não se admirou de contar cinquenta e uma. Agora sim eram cinquenta e uma! Sorriu enquanto abria a bolsa e devorava seu almoço.

Assim que começou a escurecer, o pequeno pastor arriou o rebanho no caminho do curral. Pegou em seus braços a recém-nascida, enquanto a ovelha mãe lhe seguia de perto. Acomodou-a em um canto do curral para que as outras não a atropelassem, colocou a tranca e foi para o rancho.

Seu pai não tinha regressado, de modo que decidiu guardar o segredo de sua ovelhinha. Se a vissem tão fraquinha, poderiam querer sacrificá-la.

Comeram sem seu pai e quando terminou de lavar os pratos meteu-se na cama em que já dormia seu irmão. Ficou um bom tempo insone pensando se contaria ou não o segredo a seu pai.

Mas o pai não chegou e ele finalmente caiu no sono.

### Capítulo 3. Una sorpresa

No necesitó que lo despertaran esa mañana. Funcionó su reloj invisible. Le pareció escuchar el balido de su ovejita y, en un momento, se caló la manta y los zapatos. No había desayunado, pero sí estaba lleno su moral. Seguramente su padre no regresó; muchas veces tenía que quedarse en el pueblo.

Aunque estaba oscuro, no le costó ubicarse. Las ovejas, impacientes, parecieron saltar hacia afuera. Atrás, en un rincón, como si temiera ser atropellada por las otras, estaba la oveja madre con su hija. En la oscuridad, Perico pudo palpar que la pequeña trataba de arrodillarse sin lograrlo. La tomó en sus brazos y partió tras el rebaño.

Brillaban todavía en el cielo las estrellas que él ya conocía y las que bautizó sin más con los nombres de los tres magos: Gaspar, Baltasar y Melchior. A la cuarta le puso Pastor, ya que ahora lo guiaba a él.

Perico caminaba con la corderita sobre sus hombros. Las ovejas corrían delante, desdeñando el lugar donde pastaran el día anterior, y trepaban las lomas.

Por fin se detuvieron en la más alta y para entonces ya estaba claro y el volantín de estrellas se había escondido en el cielo. Acomodó a su ovejita junto a la madre y decidió tallar su flauta.

Afiló el cuchillo en una piedra y fue en busca de las cañas que dejó olvidadas el día antes.

-Mis compañeros deben ir llegando a la escuela -pensó-. No el Lucho, que siempre llega atrasado, pero sí los demás, con sus caballos viejos, la mayoría. Yo estoy mejor aquí, después de todo, sin que nadie me pregunte y me mande al pizarrón.

Eso le trajo el recuerdo del mapa de Chile que miró tanto el último día para no olvidarlo nunca. ¿Por qué su país sería así, tan largo y angosto? Claro, ahora recordaba: estaba apretado entre el mar y la montaña, la inmensa cordillera de los Andes.

-¡Mar! -se dijo-, algún día lo conoceré de verdad, porque ahora lo conozco de cuento no más. Sé que tiene olas como los lagos y tesoros de piratas. ¡Ah! ¡Y también ballenas! Le haré punta a mi otra caña para que me sirva como lanza para cazarlas, por si acaso...

Terminó con su flauta y ensayó un sonido. Sí, le salió algo con más ruido de soplo que de melodía.

-Suenan. Las ovejas y yo aprenderemos juntos a tocarla -sonrió.

De pronto vio correr a una oveja y luego a otras; parecían huir, lejos de él, atropellándose. Por un momento creyó en la magia de su flauta, pero dio un salto al ver que en realidad arrancaban de un animal. Era un perro no demasiado grande, un ovejero, mezcla de razas inglesa y chilena; precisamente el perro que deseaba pedirle a su

### Capítulo 3. Uma surpresa

Não precisou que o acordassem nesta manhã. Seu relógio invisível funcionou. Pareceu escutar o balido de sua ovelhinha e, num segundo, colocou o poncho e os sapatos. Não havia café da manhã, mas sua mochila estava cheia, com certeza seu pai não voltou; muitas vezes tinha que ficar na vila.

Ainda que estivesse escuro, não teve dificuldades em se localizar. As ovelhas, impacientes, pareciam pular para fora. Atrás, em um canto, como se temesse ser atropelada pelas outras, estava a ovelha mãe com seu filhote. No escuro, Perico pode perceber que a pequena tentava ficar de joelhos sem conseguir. Pegou-a nos braços e partiu atrás do rebanho.

No céu ainda brilhavam as estrelas que ele já conhecia e as que ele batizou com o nome dos três magos: Gaspar, Baltazar e Melquior. A quarta estrela foi batizada com o nome de Pastor, já que agora ela o guiava.

Perico caminhava com a cordeirinha sobre seus ombros. As ovelhas corriam na frente, ignorando o lugar onde pastaram no dia anterior, e subiam as colinas.

Por fim detiveram-se na colina mais alta e neste momento já estava claro e a pipa de estrelas se escondeu no céu. Ajeitou a ovelhinha junto à mãe e decidiu entalhar sua flauta.

Afiou o canivete numa pedra e foi em busca dos bambus que esqueceu no dia anterior.

-Meus colegas devem estar chegando na escola -pensou- Não o Luizinho, que sempre chega atrasado, mas sim os demais, a maioria com seus cavalos velhos. Eu estou melhor aqui, a pesar de tudo, sem que ninguém me faça perguntas e me mande para a lousa.

Isso o lembrou do mapa do Chile que tanto olhou para nunca esquecer. Porque seu país seria assim tão comprido e estreito? Claro, agora lembrou-se, estava apertado entre o mar e a montanha, a imensa Cordilheira dos Andes.

- O mar! -disse ele- Algum dia vou conhecer ele de verdade, por que agora só o conheço de contos, mais nada. Sei que tem ondas como os lagos e tesouros de piratas. Ah! E também baleias! Vou apontar o meu outro bambu para que me sirva como lança para caçá-las, quem sabe...

Terminou sua flauta e ensaiou um som. Sim, saiu algo com mais ruído de sopra que melodia.

- Faz barulho. As ovelhas e eu aprenderemos juntos a tocar. - sorriu.

De repente viu uma ovelha correr e logo as outras; pareciam fugir para longe dele, atropelando-se. Por um momento acreditou na magia de sua flauta, mas deu um pulo ao ver que, na realidade, corriam de um animal. Era um cachorro não muito grande, um pastor alemão, uma mistura de raças inglesa e chilena; precisamente o cachorro que

padre para juntar el piño con silbidos, como había visto hacer a los arrieros en las estancias.

-¡Caramba! Apenas quiero una cosa, la tengo –pensó mirando con atención las maniobras del ovejero. Pero en ese momento sucedió lo inesperado: el perro se lanzó a morder a una oveja y la echó al suelo, enfurecido. Era un animal salvaje, de aquellos que se crían solitarios y rabiosos, y que cuando se juntan en manadas pueden comerse un rebaño entero.

Se desató el lazo que llevaba siempre consigo amarrado a la cintura y se lanzó contra el perro a latigazos, dispuesto a vender cara la vida de sus ovejas.

-¡Ah, ah, salvaje! –gritaba a todo pulmón-. ¡Yo te las voy a dar!

Sus gritos asustaron momentáneamente al animal, que soltó su presa. Y el carnero, como si comprendiera su obligación, agachó la cabezota y empezó a escarbar el suelo y a dar topetadas en el aire.

-¡Vamos, macho, ayúdame con tus mujeres! –seguía gritando Perico, haciendo girar el látigo como una hélice. Las ovejas se apiñaban lejos, trotando hacia el llano y, entre ellas, iba la oveja madre. La corderita nueva había quedado atrás, balaba débilmente y en vano quería levantarse, mientras el perro salvaje se le acercaba al galope.

De dos saltos, Perico estuvo junto a ella y sacándose la manta la tiró sobre el perro sin dejar de dar gritos raros que asustaban el animal. El perro se debatía envuelto en la manta y Perico aprovechó para lanzarle una piedra. El perro quedó quieto; la piedra, de buen tamaño, lo había aturdido.

Tomó en brazos a la ovejita y la acarició para alejar sus temores.

-Estoy para cuidarte –le decía-, no debes tener miedo de los perros salvajes cuando yo estoy cerca.

Entretanto, miraba sin pestañear el bulto del perro, cubierto con su poncho gris. En cualquier momento podía recuperarse, lanzarse de nuevo al asalto. Bajó al suelo a la oveja y le estiró las patas, tratando de que se sostuviera; pero sus piernas eran débiles y miraba a Perico con sus ojos de botones tratando de explicárselo. En un impulso, volvió a levantarla en sus brazos.

-Oye, Mirasol, ese será tu nombre, porque no hay otro más lindo para ti. Yo, al igual que tú, me demoré en aprender a caminar. Pero lo estuve ensayando hasta que me resultó.

Le pareció que Mirasol sonreía, aunque seguía temblando.

-No debes tenerme miedo –la acarició suavemente-. Debes confiar en mí. No quiero que me tengas miedo...-y sin saber por qué, besó a la corderita y ella le lamió la cara. Perico sintió una extraña alegría. Era la primera vez que alguien le hacía cariño. No recordaba los que seguramente le

desejava pedir a seu pai para juntar o rebanho com assovios, como viu fazer os pastores nas estancias.

- Caramba! Quando quero algo eu consigo – pensou olhando com atenção as manobras do pastor. Mas nesse momento aconteceu o inesperado: o cachorro se jogou em cima de uma ovelha para mordê-la e a jogou no chão, enfurecido. Era um animal selvagem, daqueles que se criam solitários e raivosos, e que quando se juntam em manadas podem comer um rebanho inteiro.

Desatou o cinto que levava sempre consigo amarrado na cintura e correu contra o cachorro com chicotadas, disposto a fazê-lo pagar pela vida de suas ovelhas.

-Ah, ah, selvagem! – gritava a plenos pulmões – Vou te dar uma surra!

Seus gritos assustaram momentaneamente o animal, que soltou sua presa. E o carneiro, como se compreendesse sua obrigação, abaixou a cabeça e começou a escavar o chão e cabecear o ar.

-Vamos, homenzinho, ajuda-me com tuas mulheres! – continuava gritando Perico, fazendo girar o laço como uma hélice. As ovelhas se amontoavam longe, trotando até a planície e, entre elas, ia a ovelha mãe. A cordeirinha jovem tinha ficado para trás, balia baixinho e em vão queria se levantar, enquanto o cachorro selvagem se aproximava a galope.

Em dois saltos, Perico estava junto a ela, tirou a manta que vestia e atirou sobre o cachorro sem deixar de dar gritos estranhos que assustavam o animal. O cachorro se debatía enrolado na manta e Perico aproveitou para atirar nele uma pedra. O cachorro ficou quieto: a pedra, de bom tamanho, o deixou atordoado.

Tomou em seus braços a ovelhinha e a acariciou para espantar seus temores.

-Estou aqui para te cuidar – lhe dizia -, não fique com medo dos cachorros selvagens quando eu estou por perto.

Entretanto, olhava sem piscar o vulto do cachorro, coberto com seu poncho cinza. Em qualquer momento podia se recuperar, atirar-se de novo de um pulo. Deixou a ovelhinha no chão e endireitou suas patas, tentando deixá-la de pé; mas suas pernas eram fracas e olhava para ele com seus olhos de botões tentando se desculpar. Em um impulso, voltou a pegá-la nos braços.

- Escute, Mirasol, este vai ser teu nome, porque não tem outro mais bonito pra ti. Eu, igual a você, demorei para aprender a caminhar. Mas estive praticando até que consegui.

Achou que Mirasol sorria, ainda que continuasse tremendo.

- Não precisa tenha medo – acariciou-a suavemente -. Confie em mim. Não quero que tenha medo de mim... – e sem saber por quê, beijou a ovelhinha e ela lhe lambeu a cara. Perico sentiu uma estranha alegria. Era a primeira vez que alguém lhe fazia carinho. Não se lembrava dos que

hizo su madre, porque ella murió antes de que él tuviera memoria.

La oveja madre estaba ahora a su lado. Puso a Mirasol en el suelo para juntarlas. Luego, armándose de valor, se acercó al bulto del perro para recuperar su poncho. Recogió la misma piedra grandota y la caña que pensaba un día usar para las ballenas. Al levantar la manta, el perro salvaje despertaría para atacarlo y tendría que defenderse...

Se acercó poco a poco. Mirasol mamaba lejos, moviendo su colita de felicidad. El rebaño se había tranquilizado y pastaba a distancia. Tendrían tiempo de huir si el animal enloquecido atacaba de nuevo.

Con mucho cuidado cogió la punta del poncho y lo levantó. Las patas rígidas del perro no se agitaron. El aturdido no despertó y esto dio confianza a Perico.

-¡Caramba! Le pegué en la cabeza. Soy bastante capo en puntería a ciegas.

El perro tenía el hocico abierto y un hilo de sangre goteaba entre sus dientes.

-¡Pareces bien aturdido! –exclamó inclinándose sobre el cuerpo-. No me digas que te maté...No lo pensé, solo quise defender a mi rebaño.

Se atrevió a tocar al animal y luego lo dio vuelta.

-Te maté sin querer –dijo como disculpándose-. Lo que se llama en defensa propia.

Sentía una rara sensación de remordimiento, una tristeza. Quizá no era de hombre apenarse así. Si el perro no hubiera estado loco, habría sido su mejor compañero. Sacudió la cabeza para tirar lejos la confusión que lo llenaba:

-No debo olvidar que soy el de mejor puntería en toda Tierra del Fuego. Quizá de todo Chile.

Y miró al cielo, triunfante. Entonces...

certamente sua mãe lhe fez, porque ela morreu antes de que ele tivesse memória.

A ovelha mãe estava agora ao seu lado. Pôs Mirasol no chão para juntá-las. Logo, armando-se de coragem, aproximou-se do vulto do cachorro para recuperar seu poncho. Recolheu a mesma pedra grande e o bambu que pensava um dia usar para se defender das baleias. Ao levantar a manta, o cachorro selvagem despertaria para atacá-lo e tinha que se defender.

Aproximou-se pouco a pouco. Mirasol mamava ao longe, mexendo seu rabinho de felicidade. O rebanho estava calmo e pastava à distância. Teriam tempo de fugir se o animal enlouquecido atacasse novamente.

Com muito cuidado pegou a ponta do poncho e levantou. As patas rígidas do cachorro não se moveram. O ferido não despertou e isso deu confiança a Perico.

-Caramba! Acertei na cabeça. Sou bastante bom em pontaria.

O cachorro tinha o focinho aberto e um fio de sangue gotejava entre seus dentes.

-Parece bastante atordoado! -Exclamou inclinándose sobre seu corpo – Não me diga que te matei... Não pretendia, só quis defender o meu rebanho.

Atreveu-se a tocar o animal e logo desistiu.

-Te matei sem querer – disse desculpándose – O que se chama legítima defesa.

Sentia uma estranha sensação de culpa e, tristeza. Talvez não fosse coisa de homem culpar-se assim. Se o cachorro não tivesse ficado louco, teria sido seu melhor companheiro. Sacudiu a cabeça para afastar a confusão que tomava conta dele.

-Não posso esquecer que sou aquele que tem a melhor pontaria em toda a Terra do Fogo. Talvez de todo o Chile.

E olhou para o céu, triunfante. Então...

### Capítulo 19. Los rebaños del capitán

Perico despertó con un feroz tosido del capitán. Estaba de pie, sacándose la parca y camisetas para “despertar con agua fresca”, según dijo.

Y bien fresca, pensó el pastor. Él, a lo más, se pasaría una mano por la cara. Sin embargo, se vio obligado a bañarse igual que su jefe. El desayuno de café caliente y charqui le supo a gloria y luego se dirigieron hacia la guarida de los lobos, dejando a Mirasol atada junto al pasto fresco que Perico recogió para ella.

A medida que se acercaban, los lobos se iban tirando al agua, desconfiados ante la presencia humana.

-No reconocen a su pastor –pensó Perico.

El capitán no pareció extrañarse. Se sentó en las rocas tranquilamente y le indicó a Perico que hiciera lo mismo.

-Ya vendrán- dijo muy seguro-. Creen que soy el Cara de Ratón, pero luego se darían cuenta de que yo no los ataco.

Al cabo de un buen rato, asomó la cabeza un lobo. Al muchacho le pareció muy humano, con sus ojos separados y pestañudos, la cara redonda, atortillada, y el hocico ñato; casi podía decirse que sonreía. Sus largos bigotes le daban aspecto bonachón, de Viejo Pascuero.

-¡Es igual al dueño de la pulpería! –rió Perico-. Donde mi tía compra las provisiones.

Este lobo parecía ser el jefe, porque después de él sacaron las cabezas varios más y como se sintieron seguros, empezaron a trepar por las rocas, alzando sus cabezas y dando resoplidos. Con esas caras de gente, se podía pensar que vestían una larga y estrecha falda que escondía sus piernas. Los mayores adelante y las hembras con los recién nacidos detrás. Perico sintió miedo. Eran tantos, y había oído que cuando estaban hambrientos atacaban a los hombres. Pero el capitán no se preocupaba y los dejaba acercarse, contando los que tenían su marca en la cola: una V grande.

-¡Cincuenta! –exclamó entonces-. Cuéntalos tú también.

-Igual que mi rebaño de ovejas allá en mi tierra.

-El Cara de Ratón me dejó los veinte machos y las treinta hembras que yo había marcado. Se ha llevado los nuevos. Vamos a ver a otro lado.

Embarcaron otra vez en el cúter, con Mirasol y todo lo que habían bajado.

Recalaron en otras islas revisando lobos y encontraron animales descuerados flotando en el mar.

-El Cara de Ratón nos lleva un día de delantera no más –gruñó el capitán-. Tenemos que alcanzarlo o acabará con la raza de los lobos y de las hermosas nutrias, ya bastante escasas.

### Capítulo 19. Os rebanhos do capitão

Perico acordou com um feroz tossido do capitão. Estava de pé, tirando a parca e camisetas para “acordar com água fresca”, segundo disse.

E bem fresca, pensou o pastor. Ele, no máximo, passaria uma mão pela cara. Porém, se viu obrigado a banhar-se igual a seu chefe. O café da manhã com café quente e charque parecia o paraíso e logo se dirigiram até a guarida dos lobos, deixando Marisol amarrada junto ao pasto fresco que Perico recolheu para ela.

Na medida em que se aproximavam, os lobos iam se atirando na água, desconfiados ante a presença humana.

-Não reconhecem seu pastor –pensou Perico.

O capitão não pareceu estranhar. Sentou-se nas rochas tranquilamente e indicou a Perico que fizesse o mesmo.

-Eles já vem –disse muito seguro-. Achem que eu sou o Cara de Rato, mas logo se darão conta de que eu não ataco.

Ao final de um longo tempo, emergiu a cabeça de um lobo. Para o menino lhe pareceu muito humano, com seus olhos separados e com cílios compridos, a cara redonda, achatada, e o focinho achatado; até podia dizer que sorria. Seus bigodes compridos davam aspecto dócil, do Papai Noel.

-É igual ao dono da mercearia! –riu Perico-. Onde minha tia compra os suprimentos.

Este lobo parecia ser o chefe, porque depois dele outros ergueram as cabeças e como se sentiram seguros, começaram a subir pelas rochas, alçando suas cabeças e ofegando. Com essas caras de gente, se podia pensar que vestiam uma saia comprida e estreita que escondia suas pernas. Os mais velhos vinham na frente e as fêmeas com os recém-nascidos atrás. Perico sentiu medo. Eram tantos, e tinha ouvido que quando estavam famintos atacavam os humanos. Mas o capitão não se preocupava e os deixava se aproximarem, contando os que tinham sua marca no rabo: um V grande.

-Cinquenta! –exclamou então –Conte-os você também.

-Igual ao meu rebanho de ovelhas lá na minha terra.

-O Cara de Rato me deixou os vinte machos e as trinta fêmeas que eu tinha marcado. Levou os novos. Vamos ver o outro lado.

Embarcaram outra vez no cúter<sup>13</sup>, com Mirasol e tudo o que haviam desembarcado.

Ancoraram em outras ilhas revisando lobos e encontraram animais sem o couro flutuando no mar.

-O Cara de Rato tem um dia de vantagem, no máximo –grunhiu o capitão-. Temos que

<sup>13</sup> Embarcação de um só mastro, leve e rápido, com uma grande vela.

-¿Qué pasa si se acaba esta clase de lobos?  
-preguntó Perico.

El capitán respondió con otra pregunta:

-¿Qué pasa si se acaban las ovejas?

-Bueno, no habría lana, ni carne, ni cueros... No habría más Mirasoles – Perico comprendió qué terrible sería.

-Si se acaban los lobos, y de las razas finas casi no quedan, puede haber una invasión de pestes marinas o morir otros animales o aumentar una especie de animales dañinos. Los lobos son necesarios. Por eso, yo sólo mato a los lobos viejos o cuando hay demasiados machos. Pero me preocupo de las hembras y de los recién nacidos.

-¡Mire allá! –interrumpió Perico al capitán, apuntando a una isla-. ¡Otro cúter más chico que este!

El capitán siguió el dedo de Perico y su cuerpo pareció crecer.

-Es el cúter del Cara de Ratón. Vamos a hacerle un pare – y dirigió el barco tras él.

-¿Habrà pelea? –preguntó el muchacho sacando su cuchillo por si acaso.

-Muy posible- contestó el capitán con la mirada fija en el cúter que se agrandaba a medida que se iban acercando.

Pero antes de alcanzarlo, viró a la izquierda para saltar por la parte de atrás de la isla y pillar al bandido de sorpresa. Cortó el motor y atracó a remo.

-Sígueme si quieres –gritó el capitán trepando impaciente por las rocas.

Y Perico lo siguió. A poco andar encontraron un lobo descuerado y, no lejos, otro. Eran tan pequeños como Mirasol. Sin ser vistos por el asesino, observaron que muchos animales se lanzaban al agua huyendo, pero el Cara de Ratón se tiraba un arpón atado a una cuerda y con buena puntería. Vieron un lobo chiquito escondido en una poza del roquerío. Un reguero de sangre les daba la pista. Las hembras bravas también habían sido sacrificadas. El capitán avanzaba a grandes pasos. Decididamente. No le tenía miedo al Cara de Ratón ni a nada.

Por fin el bandido quedó a la vista; era un hombre bajito pero ancho, que ensartaba en su arpón los cueros ensangrentados que había robado. De pronto, él también los descubrió y salió disparado con su cosecha hacia el lado de la isla donde dejara el cúter.

-¡Sé hombre alguna vez, ladrón asesino! – le gritó el capitán, largándose a toda carrera para alcanzarlo-. ¡A ver si te atreves conmigo! –lo desafió furioso.

Pero el ladrón saltó de roca en roca y sus piernas cortas no resbalaban al correr. Tenía una agilidad de ratón. Tiró los cueros al cúter y en un momento estuvo lejos de la orilla. El capitán no se desanimó y enarbolando un cordel con gancho lo lanzó como lazo. El ladrón era muy vivo y se había

alcançar ele ou vai acabar com a raça dos lobos e das lindas lontras, já bastante escassas.

-O que acontece se acabar essa espécie de lobos? –perguntou Perico.

O capitão respondeu com outra pergunta:

-O que aconteceria se acabassem as ovelhas?

-Bom, não teria mais lã, nem carne, nem couros... Não teria mais Mirasóis –Perico compreendeu quão terrível seria.

-Se acabarem os lobos, e das raças nobres quase não tem mais, pode haver uma invasão de pestes marinhas ou a morte de outros animais ou aumentar uma espécie de animais nocivos. Os lobos são necessários. Por isso, eu só mato os lobos velhos ou quando tem machos demais. Mas me preocupo com as fêmeas e os recém-nascidos.

-Olhe lá! –interrompeu Perico, apontando a uma ilha. –Outro cúter menor que este!

O capitão seguiu o dedo de Perico e seu corpo pareceu crescer.

-É o cúter do Cara de Rato. Vamos fazer uma parada – e dirigió o barco atrás dele.

-Vai ter briga? –perguntou o menino tirando seu canivete caso precisasse.

-É possível –respondeu o capitão com o olhar fixo no cúter que ficava maior na medida em que iam se aproximando.

Mas antes de alcançá-lo, virou à esquerda para saltar pela parte de trás da ilha e pegar o bandido de surpresa. Desligou o motor e atracou à remo.

-Venha comigo se quiser –gritou o capitão escalando impaciente pelas rochas.

E Perico o seguiu. Logo encontraram um lobo sem o couro e, não muito longe, outro. Eram tão pequenos como Mirasol. Sem serem vistos pelo assassino, observaram que muitos animais se jogavam na água fugindo, mas o Cara de Rato atirava, com boa pontaria, um arpão atado a uma corda. Viram um lobo pequenininho escondido em uma poça no rochedo. Uma trilha de sangue lhes dava a pista. As fêmeas bravas também tinham sido sacrificadas. O capitão avançava em grandes passos. Decididamente. Não tinha medo do Cara de Rato nem de nada.

Por fim o bandido estava à vista; era um homem baixinho mas largo, que espetava em seu arpão os couros ensangrentados que tinha roubado. De repente, ele também os descobriu e saiu em disparada com sua colheita até o lado da ilha onde deixou o cúter.

-Seja homem uma vez na vida, ladrão assassino! –gritou o capitão, correndo a toda velocidade para alcançá-lo. –Vamos ver se te atreves comigo! –desafiou-o furioso.

Mas o ladrão pulou de pedra em pedra e suas pernas curtas não resvalavam ao correr. Era ágil como um rato. Atirou os couros no cúter e em um momento estava longe da margem. O capitão

echado al fondo del barco, pero al arrastrar de vuelta el cordel, el capitán se trajo consigo enganchada toda la cosecha de cueros nuevos.

El Cara de Ratón se alejó gritando insultos, mientras el capitán, recuperando su buen humor, enrollaba el cordel y levantaba los brillantes cueros de lobo.

-¡Nadie sabe para quién trabaja! –gritó– Jamás me había atrevido yo a descuerar estas preciosuras. Le servirá de lección a ese ladrón poco hombre.

não se desanimou e armando um cordão com gancho lançou-o como um laço. O ladrão era muito esperto e havia se jogado no fundo do barco, mas ao arrastar de volta o cordão, o capitão trouxe consigo enganchada toda a colheita de couros novos.

O Cara de Rato se afastou gritando insultos, enquanto o capitão, recuperando seu bom humor, enrolava o cordão e levantava os couros brilhantes de lobo.

-Ninguém sabe para quem você trabalha! – gritou – Jamais eu me atreveria a tirar o couro dessas belezuras. Vai servir de lição para esse ladrão covarde.

### Capítulo 34. Laberintos negros

Tampoco había noticias del pirata en Concepción y menos de su rumbo. El capitán Pedro estaba demasiado ocupado de la pesquisa del avión robado para enseñarle a Perico lo que pudiera interesarle en la ciudad y sus alrededores, de modo que le pasó a un amigo la tarea.

-Pancho, muéstrale todo lo que pueda interesarle a este curioso –le señaló al muchacho.

-Sí –dijo Perico-, lo que a mí me interesa es esa flauta extraña que yo escucho...

-Es el carrillón –explicó Pancho-, un reloj que da la hora tocando melodías en campanas...

-Maravilloso... -murmuró Perico y se quedó callado mucho rato con la esperanza de volver a oírla.

No le interesaron demasiado los hornos de Huachipato y sus inmensas hogueras, donde se fundía el acero. Había demasiado ruido que le impediría escuchar el carrillón si volviera a cantar la hora.

El piloto seguía a la espera de noticias. Fue el nuevo guía quien vino a buscar temprano al muchacho para llevarlo a visitar las minas de carbón que alimentaban la industria de acero de Huachipato.

Perico partió desganado. Habría preferido quedarse con el capitán Pedro, que trabajaba con algunos ingenieros de vuelo en extraños mapas y planos de Chile.

Cruzaron el largo puente sobre el Biobío y atravesaron Coronel para llegar a la ciudad de Lota, junto al mar. Solo justo a un pique de la mina se le desenredó la lengua al silencioso Pancho.

-No a todos los dejan entrar aquí –dijo a Perico-. A mí me conocen porque mi padre fue minero hasta que se enfermó...

-¿Y de qué se enfermó? –se sintió obligado a preguntar Perico.

-De silicosis, un mal sin remedio que produce el polvillo del carbón que se respira dentro de la mina y se mete en los pulmones.

-¿Polvillo del carbón? ¡Pero si yo pensé que veníamos a ver una mina de oro! –reclamó Perico.

-A la larga es oro, porque el carbón se convierte en dinero.

-Creo que no habría venido si me lo hubiera explicado el capitán.

-¿Prefieres no bajar a la mina?

-Si no hay mina de oro, ya que estamos aquí, más vale bajar a esta...

Siguieron a un grupo de obreros oscurecidos por intensas negruras en sus ropas y manos, equipados de cascos con lamparillas a pila sobre la frente y máscaras que colgaban de sus cuellos.

-Si han de bajar, pidan un par de buzos –insinuó uno de ellos a los visitantes.

### Capítulo 34. Labirintos negros

Tampouco tinha notícias do pirata em Concepción e menos de seu rumo. O capitão Pedro estava muito ocupado com a pesquisa do avião roubado para mostrar a Perico o que pudesse lhe interessar da cidade e seus arredores, de modo que passou a tarefa a um amigo.

-Chico, mostre tudo que possa interessar a este curioso –apontou para o menino.

-Sim – disse Perico-, o que me interessa é essa flauta estranha que escuto.

-É o carrilhão –explicou Chico-, um relógio que marca a hora tocando melodias em sinos...

-Maravilhoso... -murmurou Perico e ficou calado algum tempo com a esperança de voltar a escutar.

Não lhe interessou muito os fornos de Huachipato e suas imensas fogueiras, onde fundiam o aço. Havia muito ruído que lhe impedia de escutar o carrilhão se voltasse a tocar a hora.

O piloto seguia à espera de notícias. Foi o novo guia quem veio buscar, cedo, o menino para levar para visitar as minas de carvão que alimentavam a indústria de aço de Huachipato.

Perico foi sem vontade. Teria preferido ficar com o capitão Pedro, que trabalhava com alguns engenheiros de voo em estranhos mapas y planos do Chile.

Cruzaram a comprida ponte sobre o rio Biobío e atravessaram Coronel para chegar à cidade de Lota, junto ao mar. Somente a um passo da mina que a língua do silencioso Chico desenrolou.

-Nem todo mundo pode entrar aqui –disse a Perico –Eu sim, porque meu pai foi mineiro até adoecer...

-E de que adoeceu? –Perico sentiu-se obrigado a perguntar.

-De silicose, um mal sem cura que produz o pó do carvão que se respira dentro da mina e entra nos pulmões.

-Pó de carvão? Mas eu pensei que vínhamos ver uma mina de ouro! –reclamou Perico.

-A longo prazo é ouro, porque o carvão se transforma em dinheiro.

-Acho que eu não teria vindo se o capitão tivesse me explicado.

-Você não quer descer na mina?

-Se não tem mina de ouro, já que estamos aqui, mais vale descer nesta.

Seguiram um grupo de trabalhadores escurecidos por um intenso negrume nas suas roupas e mãos, equipados de capacetes com lanternas de pilha sobre a testa e máscaras que penduradas em seus pescoços.

-Se vão descer, peçam um par de macacões –insinuou um deles aos visitantes.

Eles emprestaram os macacões; em Perico sobrava espaço por todos os lados e desceram com



<p>Les prestaron equipo; a Perico le sobraba por todos lados y bajaron con el bullicioso turno de mineros por ese hoyo sin fin...</p> <p>-¿Qué hacen estos palomitas entre los cuervos? –rió un minero.</p> <p>-Queremos ennegrecer un poco –dijo el guía.</p> <p>-¿Y de dónde sacaste este pollito?</p> <p>-Vengo de Tierra del Fuego –contestó con orgullo Perico.</p> <p>El hombre estremeceió.</p> <p>-¿Fuego, dijiste? ¡Ay de nosotros si tú le atracas fuego al carbón! –bromeaba otro minero. También Pancho quiso hacer su broma.</p> <p>-Era pastor y lo descarrió una oveja. Ahora la anda buscando.</p> <p>-Hace harto tiempo que dejé de buscarla –dijo Perico enojado.</p> <p>-Si hubiera entrado aquí la habríamos comido y saboreado –dijo otro.</p> <p>Los mineros echaban tallas y se veían muy amistosos.</p> <p>A medida que bajaban por el túnel vertical, oscurecía: y la boca de luz por donde entraron se iba achicando hasta llegar a ser un punto. Encendieron sus linternas en los cascos y se dispersaron con sus herramientas por diferentes laberintos. Sus voces se iban perdiendo a medida que se alejaban. Perico sintió que se ahogaba de calor.</p> <p>-¡Uf! –exclamó-. Aquí se traspira mucho y se respira poco. Yo no sería minero... ¿y tú?</p> <p>-Tampoco. Mi padre no quiso que me pasara a mí lo que le pasó a él. Me hizo estudiar y ahora sigo la carrera de constructor. ¡Trabajaré al aire libre!</p> <p>-¿Por qué seguimos bajando? Ya hemos visto bastante –reclamó Perico.</p> <p>-Mientras más bajemos hará más calor – anunció Pancho-, pero hay también ventilación y se respira siempre. No hay peligro de gas grisú.</p> <p>-¿Gas grisú? –Perico no entendía.</p> <p>-Es el gas del carbón, que es un veneno y antes explotaba. Los primeros mineros se alumbraban con velas y si el gas daba en la llama había explosión en la mina. En ese tiempo, para prevenirse, los mineros llevaban un pajarito enjaulado o un ratón en la punta de un palo, delante de ellos. Si el animalito moría, arrancaban los mineros porque sabían que ahí había gas grisú.</p> <p>Caminaban, alumbrados por sus cascos, entre rieles y Perico abría más y más los ojos en la intensa negrura. Pasaban carritos cargados de carbón y alumbrados por algún minero montado sobre los trozos brillantes. Ellos se hacían el quite... Pero de pronto apareció un carro oscuro y vacío que iba en busca de carga.</p> <p>-¡Es nuestro bus! –gritó Pancho saltando dentro -. Súbete, llegaremos más ligero –y siguieron viaje a toda velocidad por las negras galerías.</p>	<p>o barulhento grupo de mineiros por esse buraco sem fim.</p> <p>-O que fazem essas pombinhas entre os corvos? –riu um mineiro.</p> <p>-Queremos escurecer um pouco –disse o guia.</p> <p>-E de onde você tirou esse pintinho?</p> <p>-Venho da Terra do Fogo -respondeu com orgulho Perico.</p> <p>O homem estremeceu.</p> <p>-Você disse fogo? Ai de nós se você atear fogo no carvão –brincava outro mineiro. Chico também quis fazer sua piada.</p> <p>-Era um pastor e uma ovelha o desencaminhou, agora ele está procurando o bichinho.</p> <p>-Faz muito tempo que eu deixei de procurar por ela –disse Perico zangado.</p> <p>-Se ela tivesse entrado aqui nós teríamos comido e saboreado –disse outro.</p> <p>Os mineiros faziam piadas e pareciam muito amigáveis.</p> <p>Na medida em que baixavam pelo túnel vertical, escurecia; e a boca de luz por onde entraram ia ficando mais pequena até chegar a ser um ponto. Acenderam suas lanternas nos capacetes e se dispersaram com suas ferramentas por diferentes labirintos. Suas vozes iam se perdendo à medida que se afastavam. Perico sentiu que se afogava de calor.</p> <p>-Uf! –exclamou-. Aqui se transpira muito e se respira pouco. Eu não seria um mineiro... e tu?</p> <p>-Também não. Meu pai não quis que acontecesse comigo o que aconteceu com ele. Me fez estudar e agora sigo a carreira de construtor. Vou trabalhar ao ar livre!</p> <p>-Por que a gente continua descendo? Já vimos bastante –reclamou Perico.</p> <p>-Quanto mais descermos fará mais calor – anunciou Chico-, mas também tem mais ventilação e se respira sempre. Não tem perigo de gás grisú.</p> <p>-Gás grisú? –Perico não entendia.</p> <p>-É o gás do carvão, que é um veneno e antes explodia. Os primeiros mineiros se iluminavam com velas e se o gás dava na chama tinha explosão na mina. Nessa época, para se prevenir, os mineiros levavam um passarinho enjaulado ou um rato na ponta de um pau, diante deles. Se o animalzinho morria, os mineiros saíam correndo porque sabiam que ali tinha gás grisú.</p> <p>Caminhavam, iluminados por seus capacetes, entre trilhos Perico abria mais os olhos na intensa escuridão.</p> <p>Passavam carrinhos carregados de carvão e iluminados por algum mineiro montado sobre os pedaços brilhantes. Eles faziam a extração... Mas de repente apareceu um carrinho escuro e vazio que ia em busca de carga.</p> <p>-É o nosso ônibus! –gritou Chico saltando para dentro-. Sobe, vamos chegar mais rápido –e</p>
---	---

<p>-¿Y dónde iremos a dar? –preguntaba Perico.</p> <p>-Ya lo veremos... Quizá bajo el mar.</p> <p>-¡No lo dirás en serio! –Perico empezó a sentir miedo.</p> <p>-Y muy en serio. Ahí está el mejor carbón, muchos kilómetros adentro del mar, donde hace miles de años hubo bosques...</p> <p>Perico se iba sintiendo raro y esos cuentos del guía le parecieron leyendas para entretenerlo. Afortunadamente, se detuvo el carrito que los llevaba y se unieron a los mineros que esperaban con su carga y sus palas.</p> <p>-¡Vaya! –dijo uno-. En este carro vacío viene el diablo.</p> <p>-No uno, sino DOS –contestó Pancho saltando fuera con Perico. Los mineros rieron e hicieron más bromas a los recién llegados.</p> <p>-A ver si cargan ustedes el carrito de carbón –dijo uno sentándose después de darle a Perico su pala. Perico y su amigo le hicieron empeño, pero con poco éxito, mientras los mineros reían de su torpeza. Perico transpiraba tinta y, aunque no lo demostraba, rabiaba por salir de ahí.</p> <p>-¡Pasa esa pala! –uno de los mineros se apiadó de Perico y así pudieron librarse los dos y partieron por otra galería.</p> <p>Caminaron mucho, siguiendo una que otra linterna que se movía más lejos; en el fondo, buscando una salida. Pero no la encontraron.</p> <p>La cosa se iba poniendo fea y los dos muchachos se daban cuenta de que se habían perdido en los laberintos. Ninguno de los dos se atrevía a decirlo y seguían su marcha.</p> <p>Perico se animaba pensando “a lo mejor encontramos un peñasco de oro”.</p> <p>Pero tampoco el oro le interesaba ya. Solo quería luz y aire y mirar el cielo, aunque hubiera oscurecido. Se habían sentado a descansar y el compañero, siempre poco hablador, quería oír su propia voz en los callejones de la mina.</p> <p>-¡A que no sabes dónde estamos! –dijo a Perico.</p> <p>-¡Y tú tampoco! –contestó él rápidamente.</p> <p>-Estamos en todo caso bajo el mar –replicó el otro.</p> <p>-¿Cómo lo sabes?</p> <p>-Veo filtrarse el agua por algunas grietas y, además, lo escucho.</p> <p>-Yo también, hace rato que lo escucho... Pero como tú eres el guía, confío en ti. ¿Estamos buscando una salida? –preguntó con voz tímida; no parecía seguro de querer saber la verdad.</p> <p>-Sí. Estamos perdidos... -confesó el otro.</p> <p>-Bueno –Perico trató de animar al amigo-, por lo menos esto se vuelve una aventura para poder contarla. De algún modo tendremos que salir de aquí...</p>	<p>seguirán viagem a toda velocidade pelas galerias negras.</p> <p>-E onde vamos parar? –perguntava Perico.</p> <p>-Já vamos ver... Talvez debaixo do mar.</p> <p>-Não está brincando? –Perico começou a sentir medo.</p> <p>-É muito sério. Ali está o melhor carvão, muitos quilômetros dentro do mar, onde há milhares de anos existiram bosques.</p> <p>Perico ia se sentindo estranho e essas histórias do guia pareciam lendas para entretê-lo. Por sorte, o carrinho parou e eles se uniram aos mineiros que esperavam sua carga e suas pás.</p> <p>-Olha só! –disse um deles-. Neste carro vazio vem o diabo.</p> <p>-Não um, mas DOIS –respondeu Chico pulando para fora com Perico. Os mineiros riram e fizeram mais piadas com os recém-chegados.</p> <p>-Vamos ver se vocês carregam o carrinho de carvão –disse um se sentando depois de dar a Perico sua pá. Perico e seu amigo fizeram esforço, mas com pouco êxito, enquanto os mineiros riam de sua lerdeza. Perico transpirava tinta e, ainda que não demonstrasse, desejava muito sair dali.</p> <p>-Passe essa pá! –um dos mineiros se compadeceu de Perico e assim puderam livrar-se e partiram por outra galeria.</p> <p>Caminharam muito, seguindo uma que outra lanterna que se movia mais longe; no fundo, buscando uma saída. Mas não encontraram.</p> <p>A coisa ia ficando feia e os dois meninos se davam conta de que tinham se perdido nos labirintos. Nenhum dos dois se atrevia a dizer e seguiam seu caminho.</p> <p>Perico se animava pensando “na melhor das hipóteses encontraremos um penhasco de ouro”.</p> <p>Mas nem o ouro interessava já. Só queria luz e ar e olhar o céu, ainda que tivesse escurecido. Eles se sentaram para descansar e o companheiro, sempre calado, queria ouvir sua própria voz nos becos da mina.</p> <p>-Então tu não sabe onde estamos!- disse a Perico.</p> <p>-E tu menos ainda! –respondeu ele rapidamente.</p> <p>-Estamos em todo caso debaixo do mar –replicou o outro.</p> <p>-Como é que tu sabe?</p> <p>-Vejo água se infiltrando por algumas fendas e, além disso, eu escuto.</p> <p>-Eu também, faz tempo que eu ouço... Mas como tu é o guia, confio em ti. Estamos buscando uma saída? –perguntou com voz tímida; não parecia seguro de querer saber a verdade.</p> <p>-Sim. Estamos perdidos...-confessou o outro.</p> <p>-Bom –Perico tratou de animar o amigo-, pelo menos isso vai ser uma aventura para poder contar. De algum modo temos que sair daqui...</p>
--	--

<p>-Al ver que no salimos, vendrán a buscarnos. El capataz de entrada al pique anota a cada uno que baja y lo borra al salir...</p> <p>-Ojalá nos borren luego –dijo Perico.</p> <p>-Tenemos que ahorrar pilas. Apaga tu linterna y me sigues. Después apagaré la mía y tú enciendes la tuya...</p> <p>Sentían pasar las horas caminando por los estrechos túneles cada vez más bajos. Iban de la mano, siguiendo la luz débil del casco de Pancho: dos sombras negras entre muros negros. Perico ni se acordaba de su ahogo. Escuchaba, sí, con mucha atención.</p> <p>-Ya no se oye el mar –dijo de pronto-, quizás estemos acercándonos a la boca del túnel.</p> <p>-Quizás... Enciende ahora tu linterna, la mía alumbraba poco.</p> <p>Al hacerlo, a Perico le pareció escuchar golpes de picota. El susto, que le corría por dentro como un ratón, le subió a la garganta en forma de grito:</p> <p>-¿Oyes?</p> <p>-¡Síiii! –la mano húmeda y pegajosa del compañero soltó la suya y se dejó oír un agudo y largo chiflido del poderoso pulmón de su guía.</p> <p>No había aún terminado su eco, cuando otro respondió y una voz, no muy lejos, se hizo oír.</p> <p>-¡Estamos cerca! No se muevan. Los andamos buscando y ya podemos ubicarlos si contestan...</p> <p>-¡Los esperamos! –gritó Pancho y en pocos minutos aparecieron tres luces de mineros que los llevaron hasta el ascensor.</p>	<p>-Eles virão nos buscar ao ver que não saímos. O capataz na entrada da mina anota cada um que desce e apaga ao sair...</p> <p>-Tomara que nos apaguem logo –disse Perico.</p> <p>-Temos que economizar pilhas. Desliga a tua lanterna e me siga. Depois eu desligo a minha e tu acende a tua...</p> <p>Sentiam passar as horas caminhando pelos túneis estreitos cada vez mais baixos. Iam de mãos dadas, seguindo a luz fraca do capacete de Chico: duas sombras pretas entre paredes negras. Perico nem se lembrava de seu sufoco. Escutava, sim, com muita atenção.</p> <p>-Já não se ouve o mar –disse de repente-, talvez estejamos nos aproximando da boca do túnel.</p> <p>-Talvez... Acende agora a tua lanterna, a minha ilumina pouco.</p> <p>Ao fazer isso, Perico pareceu escutar golpes de picareta(picão). O susto que corria por dentro dele como um rato, subiu à garganta em forma de grito:</p> <p>-Consegue ouvir?</p> <p>-Siiiiim! –a mão úmida e pegajosa do companheiro soltou a sua e se fez ouvir um agudo e comprido apito do poderoso pulmão de seu guia.</p> <p>Não tinha terminado ainda seu eco quando outro respondeu e uma voz, não muito longe, se fez ouvir.</p> <p>-Estamos perto! Não se movam. Nós andamos buscando vocês e já podemos localizá-los se responderem...</p> <p>-Estamos esperando! –gritou Chico e em poucos minutos apareceram três luzes de mineiros que os levaram até o elevador.</p>
---	---